

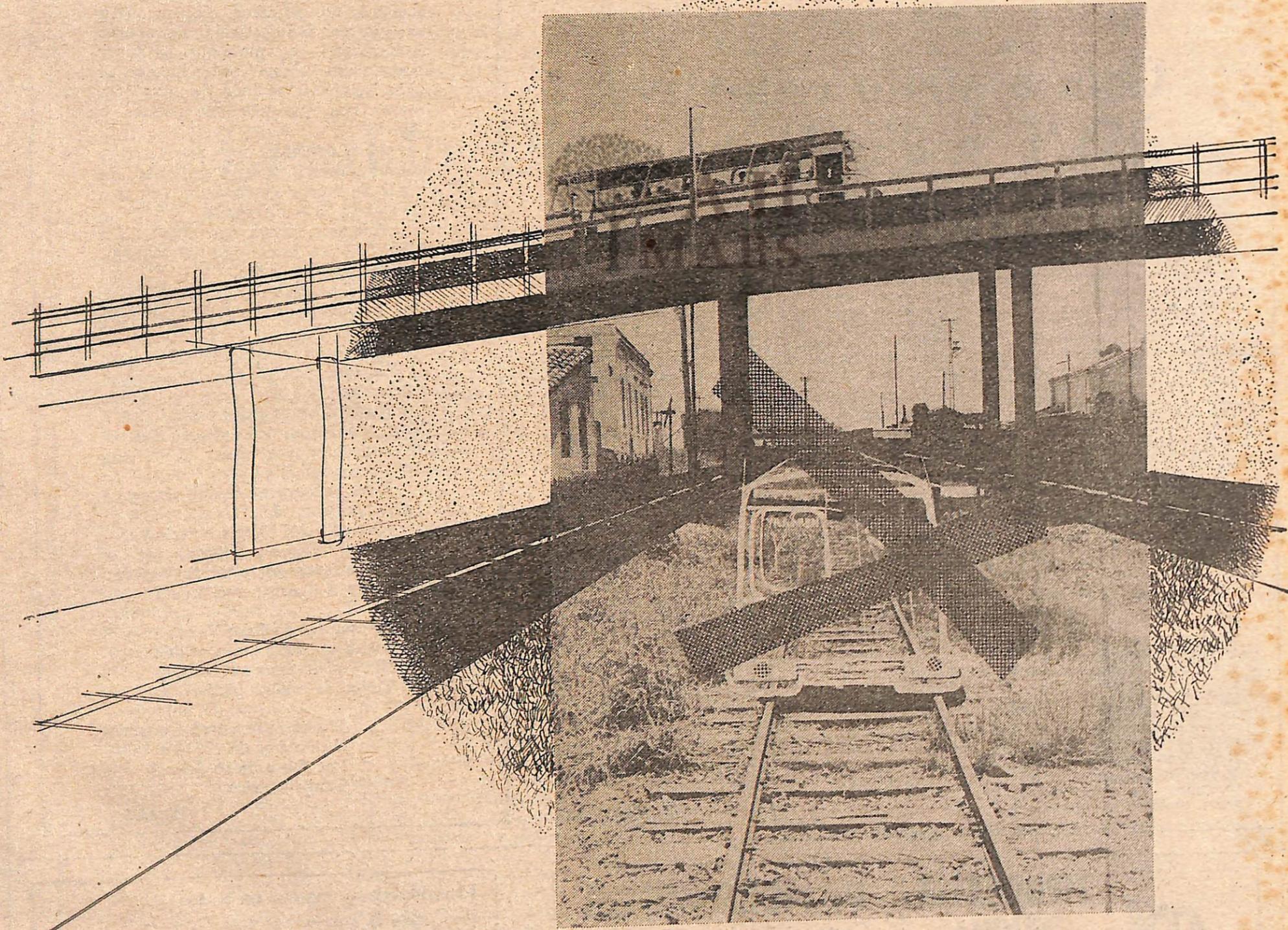
16  
JUNDIAÍ, DE 20 A 26 DE OUTUBRO DE 1975 — N.º 17

**ARQUIVADO**

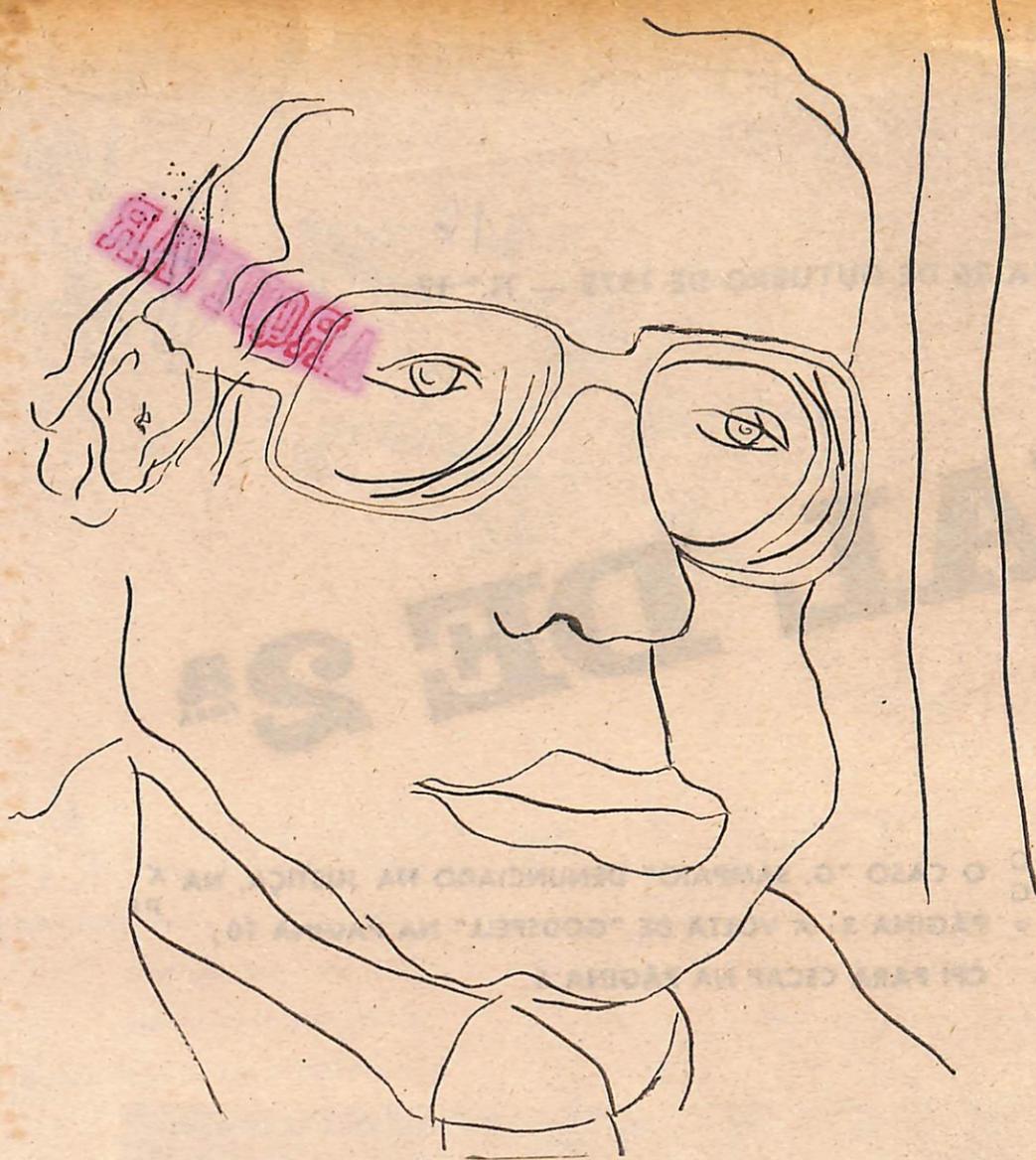
# JORNAL DE 2<sup>a</sup> FERRA

**CR \$ 2.00**

O CASO "G. SAMPAIO" DENUNCIADO NA JUSTIÇA, NA PÁGINA 3; A VOLTA DE "GODSPELL" NA PAGINA 10; CPI PARA CECAP NA PÁGINA 6



**OS CAMINHOS DO NOSSO METRÔ** PAG. 8 E 9



## Com espírito esportivo

Severino resolveu mexer-se. Pegou a mulher, os 10 filhinhos, "muito pouco, quase nada", juntou os trens e pôs o pé na estrada.

Cento e trinta e nove dias depois da saída de sua terra natal, no Sul de Pernambuco, chegou a São Paulo, deixando de se mexer durante a travessia do rio São Francisco, quando estava tão amontoado com a família, no cantinho que lhes deram para viajar, que não deu nem pra mexer um dedo.

Mexeu-se muito em São Paulo, tentando arranjar um quarto pra acomodar os trens. Enquanto procurava, um motorista de táxi mexeu com a sua filha mais velha, obrigando Severino a partir pro braço.

No corpo a corpo com o motorista — um mulato cheio —, Severino pouco pôde se mexer, mas, mesmo assim, chegou a acertar uns sopapos. Veio a polícia e levou os dois pra Central.

Sem documentos, Severino teve que mexer nos trocadinhos que trazia embrulhados no lenço pra conseguir ser dispensado sem maiores problemas.

Maiores porque já foi problema localizar-se na cidade desconhecida, a partir da porta da delegacia, até encontrar a rua estreita do Brás, onde ficava a casa em cujo porão havia deixado a família aflita.

Mexeu-se a noite toda, estranhando o clima frio. Para que as crianças mais novas parassem de se mexer, cedeu o cobertorzinho ralo que o cobria mais à mulher.

Custou, mas amanheceu. Severino mexeu os dedos dos pés, flexionou o corpo, deu saltos, transformando o pequeno porão numa praça de esporte.

Pulou cada uma das crianças que dormiam no chão, pegou a bagagem, mexeu, remexeu, não achou nada pra comer a não ser um pedacinho da rapadura que trouxera do Norte. Engoliu as migalhas, saiu do pequeno cô-

modo, tomou um gole d'água da bica próxima ao portão da rua e saiu.

Escalou ladeiras, correu de táxi, saltou de banda em frente ao hotel de onde saíam homens loiros, altos e fortes mexendo em pastas 007 sem olhar por onde andavam, mergulhou o olhar em vitrines de supermercados, a r r emessou longe a saliva que lhe enchia a boca, fez marcha lenta de cansaço, respirou fundo de desânimo e voltou pra casa.

Repetiu a maratona quase um mês, até que arrumou emprego num prédio em construção. Mexeu massa, escalou escadas, percorreu andaimes, saltou vãos de tábuas. Depois de um mês recebeu um cheque, seu primeiro prêmio.

Foi com os companheiros até à agência do banco. Na hora de assinar no verso do cheque, sua mão tremia, mexeu demais, borrou tudo. O pessoal da Unibanco sentia muito, mas Severino teria que voltar à firma e pedir um novo cheque.

Se se mexesse, pegaria o expediente aberto ainda hoje.

ERAZÉ MARTINHO

## Canto Chorado

Bem que eu te disse, ledor. Bem que eu te disse.

Quando ele falava que o progresso espoucava por todos os lados, de minuto a minuto, os céticos e os tanchos faziam muchocho em tom de brincadeira.

Agora devem estar com uma cara daquele tamanho por não terem sabido frear a língua entre os dentes.

Vocês viram o asfalto na Rangel?

E então ... Não vale como vantagem aquele empréstimo de 70 milhões contra o qual vivem vociferando os patriarcas, sem levar em conta que, na prática, quem mais vai pagar são seus netos, bisnetos e tataranetos?

E então?... Não valeu a pena? Claro que valeu.

Bem que ele disse que sem calcar o fumo no costado do contribuinte não seria possível o florescimento das maravilhas que estão fazendo da buracolândia uma urbe nova, "rasgada" por modernas avenidas que hão de assinalar nos fastos da história, bafejada pelas auras messiânicas da predestinação, a passagem do "primus inter pares" pelos arraiais da velha Petronilha.

Embasbacado com o vai-vém dos roletes sobre o betume que se ia acomodando aos macacos, dizia a outro um desses indefectíveis palradores de esquina — e como é que vão fazer quando um "chapa" pedir ligação de água? Rebenta-se tudo de novo? Ou somos nós que não entendemos o jogo?

Mas, deixemos isso pra lá. Que não se pretenda pixar o gajo por um senão de menor importância frente a uma obra tão agigantada.

Ademais, dizem que desta feita ninguém vai pegar um só vintém. Vai ser tudo no peito.

Só o pessoal dos bairros. Esse sim. Esse vai ter que gemer no picão da empreiteira.

Que é que se vai fazer. São coisas do "revolucionário" das 200 milhas submarinas.

E por falar no cujo: vocês leram? Claro que leram, todo mundo leu. O destampatório por cima da "filáucia" da Assembléia?

P'ros cachorros! Assim, sim, mas assim também, não...

Mobral nele! Parece ou não parece aquele gajo que nas trovas que fez a uma defunta disse tanta asneira junto que a defunta reclamou?

Se esse tal de Julio Verne  
Fosse um cara mais sabido  
Em vez de falar em léguas  
Tinha as milhas preferido

E a mim por certo poupado  
O dissabor da chatice  
Por ter o Jairo gozado  
Tanta burrice

SIMÃO



**TIPOGRAFIA  
JUNDIÁ**  
IMPRESSOS  
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,  
210 — Fone: 6-3099

**PANSERVIÇOS**

Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos  
Rua Marechal Deodoro da  
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.  
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759  
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula  
Capa: Araken Martinho  
Ilustrações: Edson Fagundes de Castro  
Oficinas Impressoras: "Diários Associados"  
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo

Assinaturas

Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

# Caso "G. Sampaio" gera ação popular

Deu entrada no Fórum local, sexta-feira última, uma ação popular subscrita pelo jornalista Celso Francisco de Paula, onde é pedida a anulação do contrato de prestação de serviços firmado em 1973 entre a Prefeitura Municipal de Jundiá e o escritório de assessoria e negócios "G. Sampaio", pelo qual este último foi incumbido de proceder a um levantamento econômico-financeiro e administrativo, bem como dimensionar a capacidade de endividamento do Município, cobrando para tanto a importância de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), não se realizando para tal qualquer concorrência.

Segundo notícia a inicial da ação, no dia 5 de julho de 1974, a pedido do diretório local da Arena, compareceu à Prefeitura Municipal um dos membros desse partido (Virgílio Torricelli, na época seu tesoureiro), fazendo então um levantamento a respeito das condições em que se

dera aquela contratação para ser aferida a capacidade de endividamento do Município. Em seu relatório, o dirigente arenista iria observar que tal contrato continha sérios vícios de ilegalidade, afigurando-se como lesivo aos interesses da coletividade jundiáense. Além disso, para dispor dos serviços da firma "G. Sampaio", o prefeito havia, antes, decretado a anulação da concorrência realizada pelo seu antecessor e que fora presidida pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (órgão do Ministério do Interior) e ganha pelo escritório de planejamento econômico do arquiteto Jorge Wilhelm, hoje secretário do Planejamento do Estado de São Paulo.

Na data da contratação da "G. Sampaio" (3 de março de 1973), não se fez constar entre os documentos dessa firma o respectivo contrato social, de modo que seus objetivos sociais não foram ali explicitados. Pe-

lo exame desse contrato (juntado mais tarde) pôde-se observar que a referida firma não estava sequer tecnicamente capacitada para a execução dos serviços aqui contratados. Seus sócios se identificavam como "do comércio", não possuindo, portanto, a formação técnica exigida para se incumbirem daquele levantamento que envolve análises de ordem financeira, econômica e administrativa.

Além de tais impedimentos, pelo exame dos documentos de constituição da "G. Sampaio", ficaram evidentes outros detalhes que deixavam amplamente demonstrada sua inidoneidade para assumir compromisso de tamanha envergadura como aquele que firmara com a Prefeitura de Jundiá. Seu capital integralizado era de somente Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) à época da constituição da sociedade, reduzindo-se, mais tarde — já na vigência do seu contrato

de Cr\$ 1.000.000,00 — a somente Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros).

Apesar dessas circunstâncias todas, e desatendendo a disposições legais que obrigam a realização de concorrência pública para o Poder Público contratar serviços com profissionais ou firmas que não sejam de notória especialização, o prefeito local incumbiu a "G. Sampaio" do levantamento da situação econômico-financeira e administrativa do Município, assim como do dimensionamento de sua capacidade de endividamento, autorizando, ainda mais, que lhe fosse feito um adiantamento de honorários no valor de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) sem que existisse, no orçamento, verba específica para tal.

Tanto não havia verba orçamentária prevista para o pagamento da "G. Sampaio" que o prefeito enviou à Câmara Municipal, logo em seguida, um projeto para

suplementar a dotação destinada ao pagamento de serviços técnicos, o qual, no entanto, mereceu, nessa oportunidade, a pronta recusa dos vereadores. Retornado com o mesmo projeto, minimamente alterado, no mês de julho de 1973 (em pleno período de recesso legislativo), o chefe do Executivo conseguiu que a Câmara aprovasse a suplementação de verba necessária para aquela rubrica, no valor de Cr\$ 800.000,00.

Essas manobras todas estão denunciadas na ação popular ajuizada através do advogado Ademécio Lourenção, onde o autor, além de pedir a anulação do contrato feito com a "G. Sampaio" para que esta devolva aos cofres públicos a importância correspondente à paga de serviços ilegalmente contratados, pede, também, que seja instaurado o competente processo-crime se os fatos configurarem ilícito penal, o que, aliás, tudo indica que irá ocorrer.

## Geraldo Dias: de 1923 a 1975

Calou-se uma voz lá na Câmara. Um homem deixou de subir às tribunas. Falta um político no palanque. Um nome passou para a História. Geraldo Dias, vereador por vocação, está morto.

Ele foi ferroviário da antiga Paulista e desde a década de 50 teve destacada atuação no jornalismo e, mais tarde, no rádio jundiáense. Escreveu na extinta "Folha", no "JJ" e no "Diário de Jundiá", onde foi o redator principal vários anos seguidos. Na Difusora, ele comandou alguns programas que chegaram a alcançar elevados índices de audiência, como os que foram criados assim que se implantou o automatismo nos telefones de Jundiá. "Disque e Arrisque", um programa onde os ouvintes davam seus palpites para a rodada do Campeonato Paulista de Futebol; "Calouros pelo Telefone", "Mesa Redonda", que deixou o ar depois de sensacionais e graves polêmicas sobre o aumento dos impostos, o funcionamento do Pronto Socorro em convênio com o INPS, as disputas entre a Igreja Católica Apostólica Romana, representada pe-

lo Padre Antônio Stafuzza, e a Apostólica Brasileira, pelo Padre Jurandir, outras vezes discutindo-se no microfone as coisas da umbanda com a presença de Pai Jaú.

Na política, ele entrou já na década de 50, quando Jundiá ainda tinha políticos de grande envergadura. Talvez induzido pelo mal da combatividade, que lhe acompanhou a vida, aprendeu que o homem público deve usar a palavra, levantar boas causas, assumir posições. E soube se manter fiel ao seu princípio: era um vereador. Nunca quis deixar de sê-lo. Nunca foi candidato senão ao Legislativo. Tinha uma causa: o povo. E dentro disso, dizia tudo aquilo que lhe ocorria, nas horas mais inflamadas, e acertava, falava uma linguagem comum. Na Câmara, um dos seus projetos mais marcantes foi o da criação do Pronto Socorro Municipal, instalado no governo Walmor Barbosa Martins. Foi projeto seu também a transformação do Hospital São Vicente de Paula em autarquia, para possibilitar a criação do Hospital do Povo, como durante algum

tempo pôde ser chamado.

Mal sabem, os que acompanharam sua vida pública, que o Geraldo tinha seus pendoros musicais. Homem comum, identificou-se com o carnaval, considerando a festa como uma explosão popular e criou as marchinhas: "Ele vem aí", "Rinoceronte, não te aguento" e outros temas conhecidos, como o casamento do Waldemar Tomba com a Gerusa, na festiva promoção do "Homem do Sapato Branco", Jacinto Figueira Júnior.

O tempo destas explosões passou. Passou o "Cacareco", os programas de televisão que exploravam os homens simples, e ele ficou. Nesta última legislatura, sua atuação já não podia ser tão marcante. Suas notícias para os jornais de que era correspondente limitavam-se a algum fato de divulgação de obras realizadas na cidade, mesmo porque suas condições físicas eram bastante desfavoráveis. Não subia mais à tribuna. Nas sessões da Câmara, tinha permissão da Mesa para permanecer sentado, falando só pelo microfone de apartes. E,

mesmo assim, podia-se perceber nele um político arguto, quando partia para o debate, conhecedor dos meandros da prosa legislativa e constantemente provocando embaraços aos seus pares, no tocante às artimanhas das discussões. Conhecia perfeitamente o Regimento Internc. Sabia como usá-lo. Arma de defesa, arma de ataque. E, sentado, microfone na mão, dava seus bailes. Regia uma orquestra, um tanto desafinada. Não podia mais rondar a cidade, como fazia com seu Karman-Ghia azul, à procura de contato humano direto, buscando notícias, perscrutando problemas. Raro era vê-lo à porta da Prefeitura, nos gabinetes, à cata de favores. Geraldo, certa vez, afirmou: "Nada devo ao Executi-

vo. Por isso não vou procurá-lo".

Já nos extertores de sua existência, apresentou na Câmara projeto transformando a capela do cemitério N. S. do Montenegro em capela ecumênica, para abri-la a todos os cultos e credos.

Foi até onde suas forças físicas lhe permitiram. Quando caiu, foi ao Hospital Bandeirante, de irônica semelhança à sua disposição. Ocupou seu posto, bandeirante, durante 25 anos, político. A Câmara velou seu corpo. O povo deve velar sua história.

**MUDANÇA?**  
IRMAOS VIEIRA  
TRANSPORTAM MELHOR  
1000 100  
FONES: 4-0229 - 6-5086

**AUTO PEÇAS E MECÂNICA «GRAND-PRIX» LTDA.**

Especializada na linha Chevrolet, Opala, Chevette e utilitários

Regulagem eletrônica de Motores

Preparamos motores e rebaixamos suspensão

Mecânicos Treinados na Fábrica.

— PEÇAS GENUÍNAS —

RUA BANDEIRANTES, 157 FONE: 6-8456, EM FRENTE VIADUTO RIO BRANCO  
JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

# Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

## Comunicado

Sr.: "Se houver espaço, peço publicar o seguinte comunicado:

"A Associação dos Criadores de Tartarugas, por intermédio do senhor Jabuti Kaba e em colaboração com o canal Quelônio, vem de convidar o povo em geral (não haverá discurso político) para a grande prova de preguicismo a ser realizada dia 9 de novembro. O local será a antiga avenida Córrego do Mato, agora em sua nova fase, de paetas, missangas e lantejoulas (vide júri).

Regulamento: 1 — Só poderão "correr" os animais que andem mais de um (1) metro em cinco (5) minutos; 2 — Não serão permitidas paradas de mais de meia hora; 3 — Frases do tipo "seu molenga", "lesma" etc., irão desclassificar o competidor; 4 — Não poderá ser menciona-

do pelo vencedor o método Cooper como treinamento; 5 — Os menos de trinta anos estão expressamente proibidos de participar (eles têm pernas pequenas e isso seria uma tremenda deslealdade).

Após o término da corrida será feito o exame antidoping e as cascas das ditas cujas passarão por rigoroso exame métrico. O percurso será de 300 metros, com três baterias. O júri será formado por Clodovil, Denner e Bornay, que, como prêmio ao vencedor, vão resolver o que dar. Depois da corrida será servido coelho ensopado com nozes aos competidores, com a cozinha a cargo de Dom Esquilo (não aquele do Airtton Rodrigues). Compareçam sem cachorros e, por favor, não joguem latas de cerveja na nossa inter-resos".

João Carlos Zanirato

## Tarde de autógrafos

Livraria Teixeira e Edições Melhoramentos convidam para a Tarde de Autógrafos de lançamento do romance de José Mauro de

Vasconcelos "A Ceia". Dia 24 de outubro de 1975, a partir das 18 horas, na Livraria Teixeira — Rua Marconi, 40, São Paulo.

## Incentivo

Sr.: "Agradecendo a gentileza do envio dos exemplares do "Jornal de Segunda Feia", desejo cumprimentar V. Sa. e demais componentes da editora pelo belo trabalho que vêm desenvolvendo no plano jornalístico."

"Fazendo votos para que seus esforços sejam em prol de uma imprensa livre e honesta, colocamo-nos à disposição."

Edmundo Monteiro  
Presidente dos Diários e Emissoras Associados

## Skates

Sr.: "Sob os auspícios da Prefeitura Municipal e patrocínio do "Guarujá News", será realizado em 26 do corrente o I Torneio Aberto de Skates do Guarujá... As adesões poderão ser feitas a par-

tir desta semana nos seguintes locais: Santos — Av. Ana Costa, 541, loja 1; São Paulo — Rua Joinville, 170 (Ibirapuera) e Av. Prof. Affonso Bovero 278/202."

Guarujá News

## Criança, uma dádiva de Deus

"Deixai que venham a mim os pequeninos, porque deles será o Reino dos Céus" (São Marcos, 10-14)

Quando já na idade madura, palmilhando por vezes uma estrada pontilhada de altos e baixos, lembramo-nos com saudades dos tempos em que éramos pequeninos e nesse justo momento em nossa memória repercutem aqueles sublimes versos de Casemiro José Marques de Abreu:

"Oh que saudades que eu tenho / da aurora de minha vida, / da minha infância querida, / que os anos não trazem mais. / Que amor, que sonhos, que flores, / ...

No entanto, ainda que uma vontade fosse capaz de nos conduzir de retorno à nossa infância, forçoso seria nos lembrarmos que nesse mundo de sonhos também medram grandes sofrimentos não revelados, aparentemente inexistentes.

Stewart Mill já no seu tempo dizia: "A prosperidade da Inglaterra repousou no infanticídio" e com ela, no concerto geral das nações, fortunas são acumuladas e solidificadas com a argamassa de suor e sangue de crianças, empregadas nos mais diversos mistérios, em atendimento aos seus precários meios de sobrevivência.

Mas não é somente no mundo dos menos afortunados que vamos encontrar a criança sofrida. Também entre aquelas onde o pão é farto, o leite é macio e quente, encontra-se muitas que não são inteiramente felizes.

Marginadas do calor materno, por deveres reclamados em outras esferas pelas Estruturas e Instituições Sociais em abono do seu "status", são tratadas como animais domésticos, submetidas a carinhos excessivos e superficiais, quase sempre aborrecedores, ministrados

pela mãe substituta, a "babá", cuja preocupação é a de agradar o filho para merecer as atenções da mãe. "Quem meu filho beija, minh'alma 'cucara'".

Como lindas bonequinhas, enfeites de uma vida vazia, mantidas por cordéis implacáveis, são privadas do sagrado direito de poderem agir por seus próprios ditames e submetidas a programações previamente estabelecidas, são regidas pela batuta de decantada "babá", para que esta possa receber, em troca, as melhores atenções da patroa e aquela, pelo seu bom comportamento, um beijo furtivo e um carinho metrificado.

A criança, como qualquer adulto, também pensa, também sente e também avalla dentro do seu pequenino mundo, e as injustiças e desgostos sofridos cala-lhes fundo na alma e no coração, não se desfazendo com o tempo.

Muitas vezes, quando já crescidas, essas injustiças e compreensões alinhavadas à sua formação, criam corpo e afluem à mente e nela se conservam viciando uma estrutura, tornando-a eivada de inseguranças e recalques, privando-a da capacidade para as ações próprias.

Desde princípio deve-se dar à criança um sentido de personalidade — não se confunda personalidade com excessiva liberdade — tendo-se sempre o máximo cuidado na aplicação de qualquer corretivo. A crítica sob o aspecto mordaz é um erro (até para os adultos). É necessário deixar-se a criança entender que existem melhores meios para alcançar-se os resultados pretendidos, fazendo com que se amoldem a um sistema de maior observância para dominar a espécie, satisfazendo a curiosidade. Esclarecer é melhor e mais produtivo do que criticar. Incitar a novas práticas bem orientadas é fortalecer a vontade criadora.

Dentro de cada criança há um potencial de simpatia em evidência e é despertando essa simpatia que chegamos a fazer com que ela alcance a compreensão.

Uma das práticas em que a criança irrita os mais velhos é o chamado instinto de des-

truição. Será por maldade? Acreditamos, com fortes razões, que não existe essa maldade mas sim uma patente curiosidade. É um pendoi para essa curiosidade que provoca o desejo de saber como "tenha aquilo sido realizado". A curiosidade é uma constante em toda criança. É de se notar que toda a vez que ela recebe um brinquedo, a princípio o admira ou ignora. Porém, logo após, longe dos olhos da repreensão examina o seu conteúdo, seu funcionamento e dá início ao desmantelamento na ânsia de dominar o sistema.

A criança é um elemento ávido de conhecimentos e quando dizemos "não faça isto ou aquilo" vem sempre o indefectível "Por que?" e é nesse "por que?" que ela procura a solução para a sua extrema curiosidade. É um apelo a um esclarecimento tão necessário para que se complete. É nesse "por que?" que vamos encontrar um Galileu Galilei, um Newton, um Alexander Graham Bell e outros tantos responsáveis por sublimes descobertas.

Muito comum é lembrarmos às crianças os seus defeitos e erros, ignorando que elas integram a espécie humana da qual também fazemos parte e que muitas vezes esses erros e defeitos apenas representam um legado do espelho em que se miraram que é nós mesmos.

No que tange à prática de repreender uma criança em presença de outrem com termos desmoralizadores é um crime!

Amar uma criança é o mesmo que glorificar uma espécie e render culto ao Criador dos Mundos. "Cada criança ao nascer nos traz a mensagem de que Deus ainda não perdeu a esperança nos homens". Nos lábios e no coração dos pequeninos acha-se impresso o nome de Deus.

"Se Deus te der um filho agradece-Lhe esta graça, mas teme pelo depósito que Ele te confiou. Se para esta criança a imagem da divindade. Cuida de dar a teu filho bons princípios antes de lhe dares boas maneiras. É melhor que ele te deva uma boa doutrina do que uma elegância frívola e faça com que ele seja antes um homem de bem do que um homem hábil".

Ulysses Jorge Murtinho

67<sup>8</sup> 75

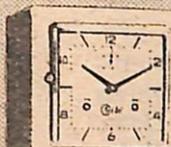


CONSTRUTORA  
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n. 578  
8º andar - conjunto 801 - C

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado  
em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA  
LTDA.

BARÃO - 427  
FONE: 6-8231

MAQUINAS DE ESCRITÓRIO

USADAS?

CLÁUDIO TEM.  
PROCURE-O.

VENDE — TROCA — FINANCIA

RUA PRUDENTE DE MORAES, 806

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR  
ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE  
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI  
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO  
FRANGO FRITO SERVIDO PELO  
PROCESSO CHICKEN-IN

ZETISERVE CHOPP

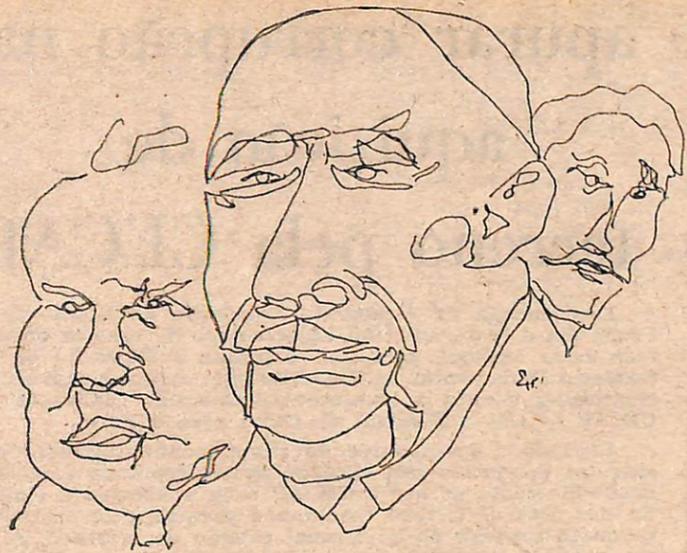
avenida antonio segre, 50A

PALLETS E EMBALAGENS DE MADEIRA,  
MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS  
EM GERAL, PARA INDÚSTRIA E CONSTRUÇÕES  
— ISSO TUDO É COM



MADEGERAL

O maior mercado de madeiras da região  
Rua da Várzea, 131 - Fones: 4-3166, 4-3822 e 6-7366



## Vamos fazer uma sociedade, amigos?

No momento em que a Sociedade Amigos de Jundiá levanta sua voz para pedir a demolição do Solar do Barão, para que possam ser construídos luzidios edifícios de muitos andares nas proximidades do velho pardieiro, (afinal, não há nada que demonstre mais o progresso e a pujança de uma cidade do que prédios altos, não é mesmo?) gostaríamos de sugerir a ampliação do cívico movimento.

Existem muito mais coisas a serem demolidas, além do Solar do Barão. E não é só em Jundiá. No mundo todo, existem velharias atravancando o progresso.

E' fora de dúvida que o caso de Jundiá é o que merece ser tratado com mais urgência, pois afinal é aqui que nós vivemos, e já correm insistentes rumores de que em Sorocaba, por exemplo, há mais prédios altos do que aqui. Nesta corrida cívica em que estamos empenhados, em busca do bem-estar e do progresso, não podemos deixar, em hipótese alguma, que outras cidades nos ultrapassem neste importante campo. Como é que vai ficar o perfil dos nossos cartões postais, com tão poucos arranha-céus? O que vão pensar de nós lá fora? O que será da imagem externa de Jundiá? E' preciso que se pense nisso, senhores do Patrimônio Histórico, antes de proceder a tombamentos irresponsáveis, em evidente prejuízo de nosso progresso edífico.

E o Solar não pode e nem deve ser o único. Temos que colocar abaixo a ponte Torta e construir uma reta, como já se sugeriu brilhantemente nas páginas deste jornal. E já imaginaram, no lugar da velha catedral, uma imponente garagem circular de 15 andares? E no lugar do coreto, uma lanchonete com porta de vidro?

E devemos — e podemos — ir além. Ampliar o nosso movimento além-fronteiras. Levar o nosso exemplo ao resto do mundo.

Ouro Preto, por exemplo. De que serve tanta velharia? Por que não demolir a velha cidade e construir uma nova, moderna em seu lugar? Poderia tornar-se uma espécie de subúrbio elegante da Grande Belo Horizonte, onde iriam morar os executivos graduados e suas excellentíssimas famílias. Haverá lugar melhor para um gerente-geral da Fiat morar? Claro que ele não vai poder ficar em Betim. E Belo Horizonte já está começando a ficar poluída.

E se nosso exemplo frutificar, como certamente frutificará, mais uma vez a velha e decadente Europa se curvará aos pés do Brasil, e poderá então dar cabo de suas inúteis quinquilharias históricas.

No lugar do decadente Coliseu, um moderno estádio de futebol com capacidade para 200 mil pessoas, com teto reversível de acrílico. No lugar do Arco do Triunfo, uma linda e aerodinâmica passarela para pedestres. No lugar da Torre Eiffel, uma bela antena retransmissora de sinais de TV da Eurovisão. Em vez do Museu do Louvre, um "shopping-center" com artigos de todo o Mercado Comum Europeu: batatas alemãs, tulipas holandesas, queijos suíços. No lugar da Abadia de Westminster, um conjunto de edifícios residenciais com apartamentos de alto luxo, com vistas para o Tâmisia.

Esse sopro revivificador percorreria toda a Europa, todo o mundo, com nossas idéias modernizadoras e revolucionárias. Para que precisamos guardar aquilo que pedantemente chamam de memória histórica? Acaso já não temos belos e ilustrados livros de história que se prestam exatamente a essa finalidade?

Vamos semear pelo mundo, começando por Jundiá, centenas e milhares de lindos arranha-céus, e enterrar sob eles o que resta do passado.

Vamos ampliar essa Sociedade Amigos de Jundiá e transformá-la numa Sociedade Amigos do Mundo. E vamos sair por aí semeando o bem, em sólidas estruturas de concreto.

SANDRO VAIA

## De como nêgo Zimbo, o cdradô...

Répteis humanos, no coleio dobre./De rastos bajulais tempos e lares;/Contra os bons, contra os fortes de alma nobre./Línguas e dentes dardejais nos ares;/Mas só podeis ferir, na raiva pobre./Em vez dos corações, os calcanhares.

("As Amazonas", de Olavo Bilac)

Nêgo Zimbo era um preto de muita pretura, alto, forte e cheio de corpo, sem ser gordo. De idade indefinível, tinha as tēmporas já bem avançadas por um branco-sujo que ia lhe tomando a carapinha. E meu pai dizia:

— Nêgo quando pinta, tem três vez trinta...

Então nêgo Zimbo devia andar pela casa dos noventa.

Morava sozinho, num sítio muito de seu, nas cabeceiras do ribeirão dos Motas. Casa limpa, pau-a-pique, parede feita de sobapo, coberta com sapé amarrado, tinha todas as divisões de casa de gente. No seu sítio não dava pra saber qual era o lado detrás da bananeira, pois ele já usava — naquele tempo! — privada que era ali perto da porta da cozinha, coisa mais indecente, que em se entrando lá todo mundo sabia o que se ia fazer, feitura de posição! Que — que se poderia fazer? Nêgo Zimbo era morador diferente. Seu nome, ao certo, nunca ninguém soube; talvez se chamasse Orozimbo — diziam qu'era filho direto de reis africanos, dum reizado sumido entre misteriosas montanhas perdidas de ouro, duma ourama que não tinha fim; diamantes, tantos, que serviam de pedra pra bodoque nas caçadas. Tantas lendas, que já m'esqueci, enterradas qu'estão num dilúvio de coisas, no fundo deste baú de trastes que é minha cabeça.

Nêgo Zimbo acudia o povo sofredor. Chamava-no de um tudo: curandeiro, feiticeiro, macumbeiro — mas isso não, que o conheci de perto. Ele era só curadô, qu'ele não fazia despachos, macumbas, feitiçaria, coisas assim, que nem saravá ele fazia. Era curador. Só. Como se istô de ser curador fosse pouco. Curava dor de "estamo", nó nas tripas, bexiga virada, cólicas, ar, mau jeito, torcedura e até osso quebrado. Era advinho, eu acho, pois ele conversava um pouquinho e pááá... matava a charada! Era procurado por um mundo de gente, gentarada sem quantia, que seu sábado e domingo era de dia inteiro, até de noite. Dava voltas em qualquer desarranjo, até políticos ele recebia e aconselhava. Que bom se nêgo Zimbo tivesse vivo, pra aconselhar as vereanças; não as vereanças das cidades dos outros, isto não, qu'eles ficam sentidos de se dizer qu'eles andam precisados de conselho de nêgo, não 'stá certo. Mas da nossa cidade, isto sim seria um bem bom supimpa.

Nêgo Zimbo só não curava tísico e leproso, que os mandava "simbora" curtir as suas sinas. Já se vê que nêgo Zimbo era conselheiro também. Uma vez um vizinho nosso, de boa vizinhança, carapina dos bons, armador de carros-de-boi, conhecido como Zico Carreiro, procurou meu pai. Ninguém fazia carro cantador que nem Zico Carreiro. Já falei qu'ele procurou meu pai? Pois procurou. Contou uma estória comprida... "qu'estava com desavença na fãmia, que a fia mais véia tava de rabicho co Tônico Arara, qu'ele era contra e a mãi por diante dizia u'a coisa e por detrás "ôtra..." patati patatá... Meu pai, pensa-que-te-pensa resolveu levar "o causo" pro nêgo Zimbo. Nêgo Zimbo não falava que nem nêgo cabinda; falava cêro, nada de "zi fio" isto "zi fio" aquilo, falava tá tá tá, tudo certinho. Mais uma coisa: ele sabia ouvir. E ouviu. Era dia de meio de semana; nêgo Zimbo, sentado no poá do fogão, corpo arcado pra frente, os dois cotovelos fincados um em cada joelho, pensando... Por fim falou pra Zico Carreiro:

— Mecê diga pra Tônico Arara (Arara era apelido, Tônico também, o nome certo era Antônio Porta. Ou será que porta era apelido também?) ficá uma novena sem rodeação. E meceis tudo da casa num vão se falá numa novena e vão rezá junto nas hora das avemaria, que nêgo Zimbo tá rezando também pidino que Deus le ajude.

Nêgo Zimbo já conhecia o exercício do subconsciente, pois não é que vê que nem bem acabou a novena Tônico quis casá — qu'eu não sei bem qual era a mexida — e a família se aquietou.

Nêgo Zimbo curava gente possessa do demo. Muita reza, um tição labardeando em perseguição do endemoninhado até queimá-lo onde pudesse. Não é de vê que o tal ficava bom? E nêgo Zimbo recomendava:

— S'ele ficá assim traveis, tragu'ele aqui. O Demo que é Demo num qué trelé cum nêgo Zimbo...

Um dia trouxeram-lhe uma oração escrita; queriam saber se era reza boa. Nêgo Zimbo olhou o papel, devolveu-o ao dono e disse:

— Só anarfabético.

Disse-o com tal dignidade que caro me custou não ser aquela coisa linda qu'ele era: anarfabético. Quando alguém se apresentava doente do estamo, dor e ardume de não ter jeito, nêgo Zimbo sentava-o numa cadeira junto à mesa, servia-lhe um chá de losma para ser bebido aos golinhos. Nêgo Zimbo, firme na reza, ia balançando na frente do doente um tição de fogo em labaredado, como se fosse um pêndulo ao contrário. E ia dizendo, entremeado co'as rezas:

— Se adebruce na mesa. Ansim, ansim, mesmo debruçado ocê vai veno o tição balançando; feche ozóio, cozóio fechado ocê vê o tição, druma, druma, druma...

E o tal dormia. Quando acordava, nêgo Zimbo, 'tava fazendo outra coisa, curando outro... e a dor? Que dor?

Nêgo Zimbo não cobrava nada, mas ganhava coisas. Cabritos, capadetos, bezzerros, leitões, até vacas ele ganhava. Na noite de São João, então, era um despropósito de presentaiada. Erguido o mastro por intenção do santo, acesa a fogueira, começava a reza, terço em louvor do santo. Depois vinha o batuque, a cachaçada, pinga na canega de folha quecida na brasa, comes e bebes que todo mundo levava. O ponto alto da festa era quando, já virando pra madrugada, nêgo Zimbo passava descalço sobre o brazeiro da fogueira esparramada. Alucinação, dia-noite, negrura cintilando no vermelho da brasa, quentura de febre, fogo por dentro e fora, confusão de sentimentos e outras gentes andando descalças no fogo puro. E os políticos, sófregos, lá estavam tentando capitalizar não haviam bem o quê, quem sabe nêgo Zimbo concordaria em fazer um trabalhinho, ein, ein, ein? No dia seguinte a boataria tomava conta da região, estórias de milagreria sem conta. Quando eu era pequeno — não cresci a não ser na idade — sempre me imaginei importante recebendo uma cura ou (quem sabe?) um milagre de nêgo Zimbo. Nunca precisei. Até ontem. Hoje eu preciso de um milagre pra minha cidade. Vem nêgo Zimbo, vem queimar teus pés no asfalto quente. Faça um trabalhinho que você nunca quis fazer: adormeça nossos maus políticos até 77. Amém.

N. B. (Nota do Bartimeu): No próximo número — se houver — leia "De como nêgo Zimbo foi promovido a Mestre Zimbo".

O BARTIMEU

EI PESSOAL VAMOS A

## DISNEYWORLD - MIAMI BAHAMAS

SOLICITE A VISITA DE NOSSO PROMOTOR  
TUDO A SEU ALCANCE

EM DIAS INESQUECÍVEIS

### ABITE TURISMO

ROSARIO 585 - FONES 64530 - 4 3922



# Concorrências públicas

— I —

Muito se tem escrito e falado sobre as concorrências públicas e contratos nesse período de administração jundiense, caracterizando como que uma tomada de posição contra atos passíveis de críticas quanto aos processos adotados que, na verdade, estão a exigir debates.

Estamos iniciando hoje uma pequena série sobre o assunto dada a necessidade de esclarecimentos destinados especialmente àqueles que chegam a duvidar das nossas intenções.

Quando se fala, por exemplo, que de acordo com um edital de concorrência a comissão julgou as propostas pelo preço global e os serviços foram contratados a preços unitários, muita gente fica por fora.

Procuraremos trocar em miúdo essa linguagem técnica para que todos entendam e não fiquem dúvidas.

A concorrência pública é o processo pelo qual o poder público seleciona empresas ou profissionais para a realização de obras ou serviços.

Há casos em que são dispensadas, ou pelo reduzido

valor, quando apenas se adota a tomada de preços, ou, para contratos com técnicos de notória especialização.

A exigência legal para a concorrência, é claro, existe não só para, na seleção, encontrar-se o melhor, o mais capaz e as melhores condições de preço, como e especialmente, para impedir que os administradores contratem ao seu bel prazer, instituindo o compadresco, protegendo correligionários ou ainda o que é muito pior, para evitar a corrupção, verdadeiro cancro, difícil de se exterminar.

Então, quando se quer realizar uma obra pública, elaboram-se projetos e expedem-se editais para chamamento dos interessados, com prazo suficiente para que todos possam habilitar-se.

Nesses editais são obrigatórias as exigências, de prazo, documentação dos interessados quanto à sua situação perante o fisco e quanto à sua capacidade econômica e de especialização.

O prazo mínimo legal é relativamente curto e pode ser ampliado e dosado pelo administrador de acordo com o tamanho da obra a ser realizada.

Para se construir um muro ou uma obra de pequenas dimensões, não haverá necessidade de tanto tempo para um construtor calcular um orçamento. Também se a obra não for tão urgente o prazo não deve ser curto. Quanto menor for o prazo, menos concorrentes se apresentarão. Com maior prazo, mais interessados comparecerão, resultando na disputa, melhores condições. É uma coisa tão clara que não poderá haver uma pessoa sequer que não entenda.

Vejamos. Para execução do plano viário de Jundiá, onde nem a obra pode ser considerada de extrema urgência e muito menos de pequeno vulto, um prazo curto como foi dado, não se explica nem se justifica.

Um valor tão alto de 180 milhões e com tantas obras a construir, como aterros, desaterros, canais, pavimentação, iluminação, viadutos, pontes e jardins, não poderia ser objeto de uma concorrência com 15 dias de prazo para os interessados apresentarem suas propostas.

Como se vê, cumpriu-se a lei quanto ao prazo, mas é certo que inúmeras construtoras poderiam habilitar-se se o prazo fosse um pouco maior. Pelo menos 60 dias. Qual seria o atraso na execução do plano? Nenhum. Quais seriam as vantagens de ordem econômica? Muitas.

Entraremos oportunamente no exame daquela concorrência.

Da mesma maneira, a lei estabelece que o poder público pode contratar, sem licitação, serviços técnicos e especializados, diretamente, com profissionais, quando o serviço a ser executado for inédito ou incomum, mas exige que o profissional ou a empresa seja de notória especialização.

Por essa válvula tem-se permitido que se contratem ao gosto particular de cada responsável pela pública administração, amigos, compadres e outros que tais, usando o dinheiro do povo como se os cofres públicos não tivessem portas, chaves e segredo.

Continuaremos, para analisar de uma maneira bem simples, sem termos técnicos ou sofisticados, alguns contratos da Prefeitura Municipal de Jundiá, para que cada um possa tirar suas próprias conclusões.

VIRGÍLIO TORRICELLI

# Pedida CPI para apurar corrupção na aquisição de terreno pela CECAP

Deu entrada na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, dia 6 deste mês, um requerimento de autoria do deputado Jairo Maltoni, pelo qual é pedida a formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar possíveis irregularidades quanto a transações imobiliárias realizadas pela CECAP — Caixa Estadual de Casas para o Povo.

Segundo a justificativa do requerimento, inúmeras e insistentes denúncias têm chegado àquele deputado emedebista, dando-lhe conta de que a CECAP teria promovido a aquisição de uma área de terreno em Jundiá pagando pelo mesmo preço muito superior ao de normal cotação de mercado. A área em questão, que se destinará à construção de um núcleo habitacional junto ao Distrito Industrial, teria custado à CECAP cerca de Cr\$ 2.749.000,00 (dois milhões e setecentos e quarenta e nove mil cruzeiros), quando seu real valor — e o que teria sido realmente pago ao proprietário — era de Cr\$ .... 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros).

"Tais denúncias — disse o deputado — se confirmadas, resultariam em fato dos mais graves e lamentáveis, pois as casas edificadas no terreno em tela sofreriam grande acréscimo de custo, as tornariam inacessíveis à população de baixa renda. Os objetivos e finalidades da autarquia estariam sendo, assim, desvirtuados, além, evidentemente, dos aspectos de probidade administrativa que o caso comportaria".

A Comissão de Inquérito deverá ser constituída de cinco deputados e, na sua tarefa, ouvir testemunhas e demais pessoas em conhecimento do caso de corrupção que estaria envolvendo a CECAP e importantes autoridades locais.

## E a CPI dos vereadores, sai da gaveta ou não sai?

Quando ainda havia, na Câmara, um grupo decidido a defender o interesse comunitário, foi instituída certa comissão parlamentar de inquérito para apurar indícios desperdícios intencionais que estavam sendo atribuídos ao sr. prefeito municipal.

Gastos estimados em 15 mil cruzeiros foram autorizados para pagamento de honorários advocatícios a um técnico em direito administrativo, a quem coube analisar a farta documentação que lhe foi oferecida, de onde se destacavam a concorrência 66/73, que versava sobre a construção da Avenida Córrego do Mato, pela empresa Andrade-Gutierrez S.A., e da empreitada atribuída à firma G. Sampaio S/C, para estudos especializados em torno do Plano Diretor do Município.

Côncios de que estavam agindo no exercício de um dever implícito ao cargo eletivo (como de fato estavam), os vereadores dirigiram-se à vizinha cidade de Itatiba onde contrataram, como seu bastante procurador, o conhecido causídico dr. Ovídio Bernardi, a quem confiaram o exame das peças em pendência com o fim de acautelar a edilidade e pô-la à cavaleiro de deslizes consequentes de menores conhecimentos de ordem jurídica em torno do momentoso assunto.

Sucedeu que a evolução dos acontecimentos políticos, sem que se conheça explicação plausível, levou os vereadores que conceberam a CPI a uma guinada para o aprisco do prefeito.

Hoje, engrossando o número dos passivos que, contados por uma dúzia, cerceiam imponderavelmente os caminhos do processo, que dorme o letargo do desprezo nas gavetas do legislativo.

No entanto, ao que pudemos saber, as conclusões do advogado não deixam dúvidas de interpretação quanto às ilegalidades e desperdícios de dinheiro público nos contratos firmados com as citadas empresas.

Não seria justificável, se com estas linhas pretendêssemos meter uma colher torta em assunto de tal delicadeza, carentes dos conhecimentos de natureza técnico-jurídica que se fazem necessários.

Todavia, a estrito senso, entendemos que a Câmara não pode cruzar os braços diante de um processual de tão grande relevância, sob pena de estar comprometidamente jungida, como conivente, a uma ocorrência que o povo, na sua maneira sumária de falar, qualifica como de requintada bandalheira.

Desengavete-se, pois, esse processo, em nome da lei, da dignidade pessoal e do decoro parlamentar.

ÉLCIO VARGAS

## JUNDIAÍ CLINICAS



### LOCAIS DE ATENDIMENTO

#### UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

#### UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

#### UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

#### UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

#### UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

#### UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

#### HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n. — J. Messina

Fone: 4-1666



## LAGO AZUL

RESTAURANTE

PIZZARIA

CHURRASCARIA

SAUNA \* MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

# Plantão

Alguns dos principais acontecimentos dos últimos dias que merecem algumas observações:

**O caso do Passat** — Como se sabe, na manhã do feriado de 7 de setembro, a menina Bártira, de 4 anos, foi atropelada por um Passat vermelho, sem placas. Mesmo percebendo que a menina fora atropelada, os ocupantes do carro fugiram em alta velocidade, depois de tentar desprender o corpo da menina que ficara preso ao pára-choque dianteiro. Assim, a menina foi arrastada por três quilômetros, morrendo tragicamente. Passado o impacto do caso e enquanto os policiais de Praia Grande investigavam para identificar o Passat, apresentaram-se à Polícia dois simplórios lavradores de uma pequena cidade próxima a São José do Rio Preto. Então, dentro de um consenso generalizado, o atropelamento seguido de morte foi rapidamente "justificado". Isto é: os ocupantes do carro são pessoas humildes, não são bandidos etc. O que muita gente não observou, ainda, é que os veículos se transformaram, nos últimos tempo, em armas mais perigosas e mortíferas do que os revólveres. Não se trata de sofisma ou melodrama, e sim fato real: o número de vítimas fatais e mutiladas em consequências de acidentes de trânsito é infinitamente superior ao de

vítimas de assaltantes. Com uma diferença: estes, são inapelavelmente condenados a 5 anos e 4 meses de prisão. Os assassinos do trânsito, não: geralmente, entende-se que foi homicídio culposo (pena: 1 ano de detenção), tem-se direito a "sursis", e fica tudo por isso mesmo. Em consequência, há um bando de assassinos à solta, acima de qualquer suspeita, andando por aí como se fossem respeitáveis cidadãos de bem.

**O caso de Elza** — Confirmando nossas previsões, aquela senhora que residia no Morumbi foi responsabilizada pela morte do marido, Anésio Augusto do Amaral Filho (outubro de 1966), e do engenheiro Roberto Eduardo Lee (junho de 1975). Elza está, como se diz na Polícia, em lugar incerto e não sabido. Agora, preocupada com sua situação, deverá procurar um novo advogado — segundo consta, um cer-

to senhor de anel no anular que conseguiu absolver um policial acusado de praticar um crime atribuído ao "Esquadrão da Morte".

**O caso Camanducaia** — Juridicamente, não havia alternativa senão sepultar o triste caso de Camanducaia na vala comum do esquecimento. Não havia alternativa porque o então procurador-geral da época, Oscar Xavier de Freitas, fechara definitivamente a questão. Sempre entendi que os fatores humanos são primordiais e, muitas vezes, podem até estar acima da frieza da lei, o chamado texto legal. Aquele caso entrou para os anais das vergonhas de São Paulo. E, ao fim de tudo, talvez pudéssemos conceber uma nova deusa para concorrer com Têmis, símbolo da Justiça. Seria, quem sabe, a deusa da violência: nas mãos, uma tocha fumarenta. E ela, pos-

taça sobre um pedestal de granito — o granito da indiferença humana.

**O caso da Rota-75** — Ainda não esquecido o caso da Rota-66, no qual três rapazes foram metralhados após uma perseguição de 20 minutos pelas ruas do Jardim Paulista, em São Paulo, novo caso — daqueles rumorosos — envolvendo novamente a Rota. Desta vez, foram os componentes da Rota-75 que, segundo se depreen- de das investigações realizadas até agora, teriam executado um inocente trabalhador, pensando que ele fosse bandido, num obscuro terreno baldio do Jardim Ceci, bairro pobre da Zona Norte de São Paulo.

Os policiais da Rota negam que tenham atirado deliberadamente, tendo somente reagido aos tiros que estilhaçaram o pára-brisa da viatura policial. Na escalada da violência, torna-se difícil, realmente, definir pontos de vista. Reagir a disparos de arma de fogo é, como diz a lei, agir no estrito cumprimento do dever legal. O essencial é que a Polícia atue sempre com equilíbrio, para, em função disso, obter o respeito da população. De qualquer forma, como no caso da guarnição 66, o caso da Rota-75 ainda vai provocar muitos comentários. E a verdade, ao final de tudo, deverá prevalecer.

PERCIVAL DE SOUZA



## Aí está: "Zetiserve"



A abertura da lanchonete Zetiserve, ocorrida dia 9 deste mês, constituiu-se num acontecimento de grande repercussão na cidade, pois veio responder à reivindicação de um grande número de estudantes, profissionais liberais, empresários, enfim, de todas as pessoas que gostam de se reunir em grupos de amizade ou em família para um bate-papo acompanhado de seus aperitivos ou sua cervejinha, e até então sentiam-se privadas de um local realmente acolhedor para se encontrar.

José Roque Iacovino, Tioca D'Angieri, Sérgio Iacovino e Vera D'Angieri estavam com esse problema (a falta de um ponto de encontro) quando resolveram eles mesmos propor uma solução que bene-

ficiasse a todos. Daí surgiu a sigla Zetiserve, que ficou sendo o nome da lanchonete situada na avenida Antonio Segre, 504, junto ao Jardim Brasil.

A inauguração aconteceu em alto estilo, com o prof. Flávio D'Angieri (pai dos jovens Tioca e Vera D'Angieri) cuidando da recepção dos convidados, aos quais foi dado o ensejo de conhecer algumas das especialidades da casa: chope geladíssimo, aperitivos diversos, salgadinhos, frango frito pelo sistema "chicken-in" (deliciosíssimo), etc. A bênção do estabelecimento esteve a cargo do padre, que também não negateou elogios e votos de sucesso aos jovens proprietários. Muitíssimo merecidos, aliás.



## A mudança educacional, os estudantes e o problema do transporte

Sabe-se, nos meios estudantis, que muitas escolas oficiais e do SESI passarão a funcionar só com classes do primeiro ou segundo grau. Parece que esta imposição não está agradando muito a classe estudantil, principalmente aos alunos do grau médio, que alegam dificuldades para se adaptar a esse novo sistema que espera impor-se a partir do próximo ano.

Sabe-se, também, que em JUNDIAÍ funcionarão como escolas de segundo grau o INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, o ANTENOR SOARES GANDRA e o ANA PINTO DUARTE PAES.

Eis alguns problemas apontados pelos alunos:

**DIFICULDADE DE TRANSPORTE** — Surgido principalmente ao aluno do noturno que trabalha durante o dia, exemplificam comumente com o caso de um aluno que more na vila RAMI e trabalhe na vila ARENS. Afirmam que jamais teria ele condições de ir à escola de transporte coletivo, caso não consiga vaga no

GANDRA, o que é bem provável.

Os estudantes já encontram muitas dificuldades para frequentar seus colégios nos bairros. Nota-se nestes uma frequência bastante baixa, uma desistência considerável e um cansaço que impede uma boa aprendizagem. "Caso imponha-se a nova lei, esperamos uma maior desistência em escolas do Estado e uma respeitável procura em escolas particulares", afirma um jovem entrevistado pelo Jornal de 2.a.

**DESNÍVEL DAS CLASSES** — Alunos de diferentes escolas nunca têm o mesmo nível e técnica de aprendizagem, e isso dificultará uma integração total e imediata dos mesmos.

**VAGAS** — Em recentes pesquisas, viu-se que a maioria dos estudantes do segundo em nossa cidade estudam à noite. Pergunta-se: Como consumir tantos alunos em tão poucas classes nesse período? Seriam esses três colégios suficientemente grandes para suportá-los? E no

diurno, haveriam vagas excedentes?

Em matéria de transporte, pensou-se em criar a C.M.T.C. (COMISSÃO MUNICIPAL DE TRANSPORTE COLETIVO) de JUNDIAÍ (muito duvidosa com a atual administração) que possuísse zona livre em qualquer região da cidade. Um ônibus circular da C.M.T.C. seria interessante, não só aos estudantes, mas também aos trabalhadores e povo em geral.

Se O EXCELENTÍSSIMO e DIGNÍSSIMO Sr. prefeito criasse tal linha, talvez as "CHAMPS ELISÉES" tivessem alguma utilidade além do costumeiro teste de COOPER, pois pelo preço que estão saindo, deveriam ter carpetes de veludo vermelho no acostamento.

Vemos aí, que o BRASIL do futuro enxerga e democratiza e que até agora não encontrou razões suficientes para a mudança educacional, pois os problemas surgidos serão bastante para desfazê-los, pelo menos ao aluno do segundo grau.

# A gasolina subiu muito. Por que não partimos já para nosso metrô ?

A dependência brasileira do petróleo importado é grande. E as perspectivas mostram que o equilíbrio entre a nossa produção e o consumo vai demorar muito.

O Governo federal, através das palavras do presidente Geisel, pretende até mesmo lançar mão de novos critérios de busca do petróleo, argumentando que é fórmula inevitável para conseguirmos, a médio e a longo prazos, o combustível de que necessitamos.

Não nos sentimos aptos a julgar tal decisão, mas sim nos sentimos em condições de analisar situações e sugerir medidas na área em que vivemos e conhecemos.

**Reformulação imediata dos planos** — Jundiaí é centro de uma sub-região administrativa do Estado que conta com nove municípios. O Poder Executivo local é exercido através de um sistema de secretarias que, por sua vez, desdobra-se em diretorias, tendo, inclusive, uma Diretoria de Planejamento. O prefeito assessora-se, ainda, por um urbanista, que trabalha acompanhado de uma equipe. Há a Comissão do Plano Diretor que se acha constituída, como também os conselhos do Plandil e do DAE.

Por outro lado, nossa Câmara de Vereadores conta com 17 representantes que raramente assumem posições significativas. Suas maiores decisões foram as concessões legais para que o prefeito pudesse contrair vultosos empréstimos para obras rodoviárias. Uma das poucas atitudes felizes da nossa Câmara foi o singelo convite ao secretário do Planejamento, arquiteto Jorge Wilhelm, para uma palestra sobre os planos do Estado, quando, então, este anunciou as principais metas do Governo, entre as quais situa-se o transporte de massa.

Sem dúvida, a irracionalidade dos transportes urbanos em nossas cidades por muito tempo forçará consumo alto de combustíveis. E Jundiaí situa-se entre aquelas onde o trânsito é difícil de ser organizado e, portanto, está bastante longe de ter transportes urbanos racionais e econômicos.

Será que a fala do nosso presidente não vai sensibilizar as nossas autoridades (prefeito, secretários, diretores, assessores, vereadores, conselheiros etc.) a atentarem para os planos de obras em vigor?

Será que são tão insensíveis a ponto de se furtarem a uma revisão e atualização, encarando a realidade mostrada pelo próprio Governo federal?

O nosso Metrô poderia não ser o mais moderno, mas poderá acontecer mais breve. A antiga Estrada de

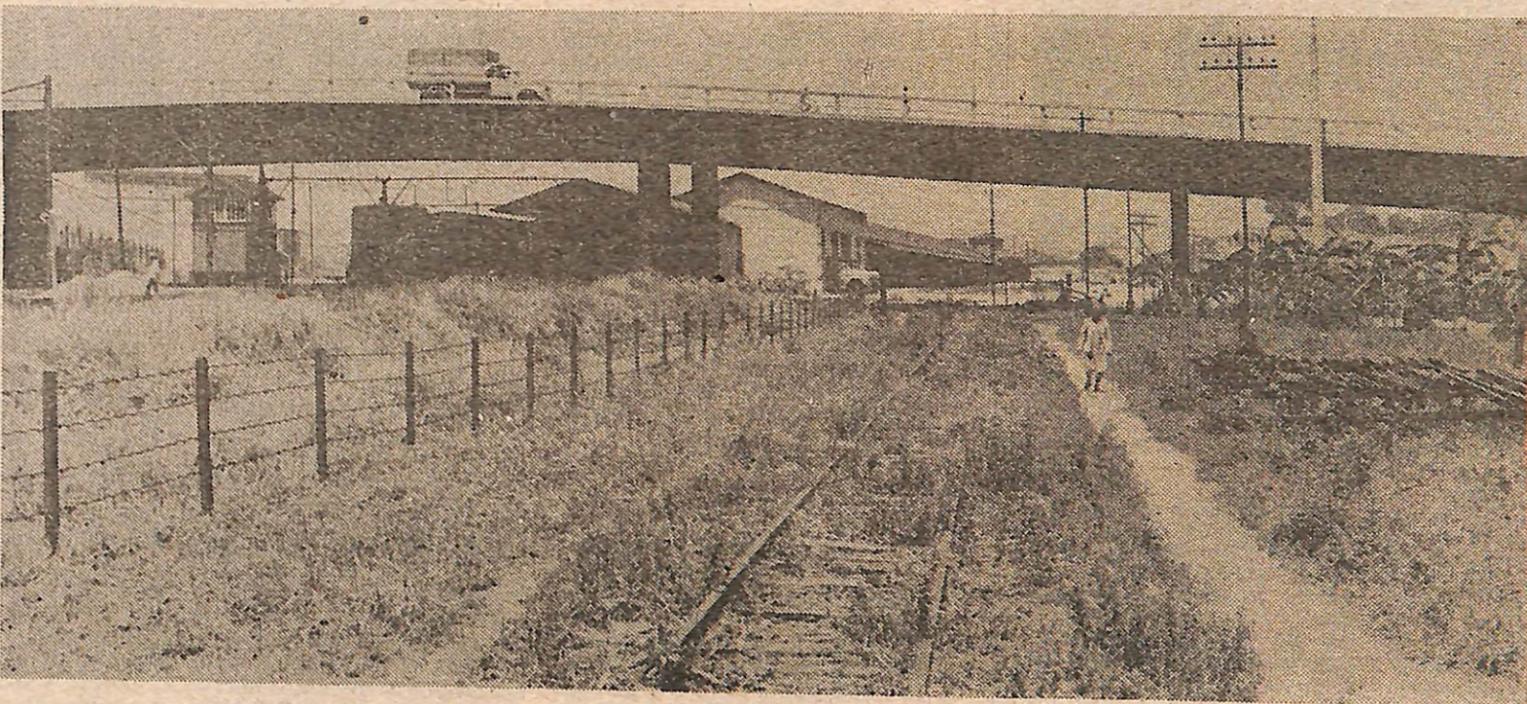
Ferro Sorocabana ainda permanece com sua faixa desocupada. Como antiga ferrovia, ela pode ser um pouco sinuosa (o que pode ser corrigido), mas tem a grande vantagem de ligar as áreas em expansão com diversos pontos principais da cidade, percorrendo um vale sobre o qual estão feitas as principais travessias em desnível (viadutos urbanos e pontes rodoviárias). A antiga Sorocabana poderia ser uma nova ferrovia, com paradas na Vila Arens (inicial), na Ponte São João, na Vila Rio Branco, na Ponte Campinas, na Vila Lacerda, Retiro, na Vila Hortolândia, na Prel, no Distrito Industrial, na Tusa, na Ermida e ter, inclusive, o seu ramal restabelecido para a fábrica de papel Gordinho Braune e a Mitsubishi. Poderia chegar a Itupeva e demais cidades do vale do rio Jundiaí, tanto para baixo quanto para cima, ou sejam, Várzea, Campo Limpo etc. O fato de já existir um projeto para a pavimentação dessa faixa não justifica a perda do ramal como uma nova ferrovia, quando esta última torna-se uma necessidade atual.

Não somos os únicos a pensar assim. De fato, isto que aqui está sendo dito, também já foi descrito pelo assessor de Urbanismo do Município, arquiteto Cândido Malta Filho, em entrevista por ele concedida ao semanário *Registro*, na edição de 2 de janeiro de 1974. Naquela ocasião, esse urbanista, que vem sendo responsável pela orientação de planejamento do sr. prefeito, manifestou-se sobre "toda a grande Jundiaí unida por um grande Metrô", afirmando:

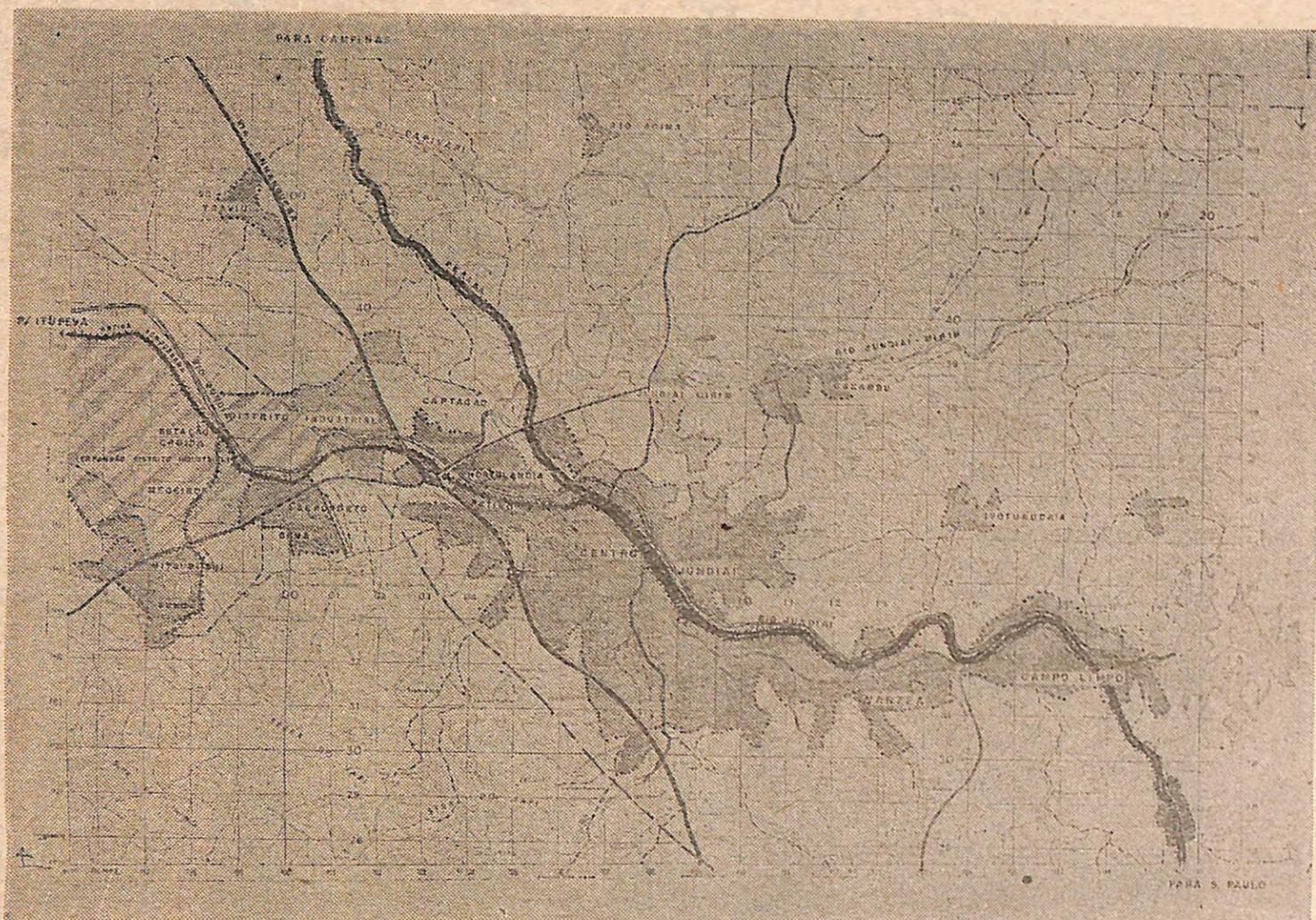
"Essa linha deverá ocupar o leito do extinto ramal de Itu, da EF Sorocabana, que começava no terminal da EFSJ e cruzava o centro de Jundiaí em direção a Itu. Atualmente, muitas pessoas defendem o aproveitamento desse leito como avenida, mas os técnicos não permitirão que isso seja feito, para preservar o caminho para a futura ferrovia.

"Fazendo isso estaremos dotando o que poderíamos chamar de a Grande Jundiaí, de uma espinha dorsal de transporte ferroviário de massa, um "quase Metrô" (que correrá na superfície, não subterraneamente). É nossa opinião — e Jundiaí deverá ter uma população de um milhão de habitantes, seis vezes a atual, no ano 2000 — que só tem condição de sobrevivência se servidas por um sistema de transporte de massa."

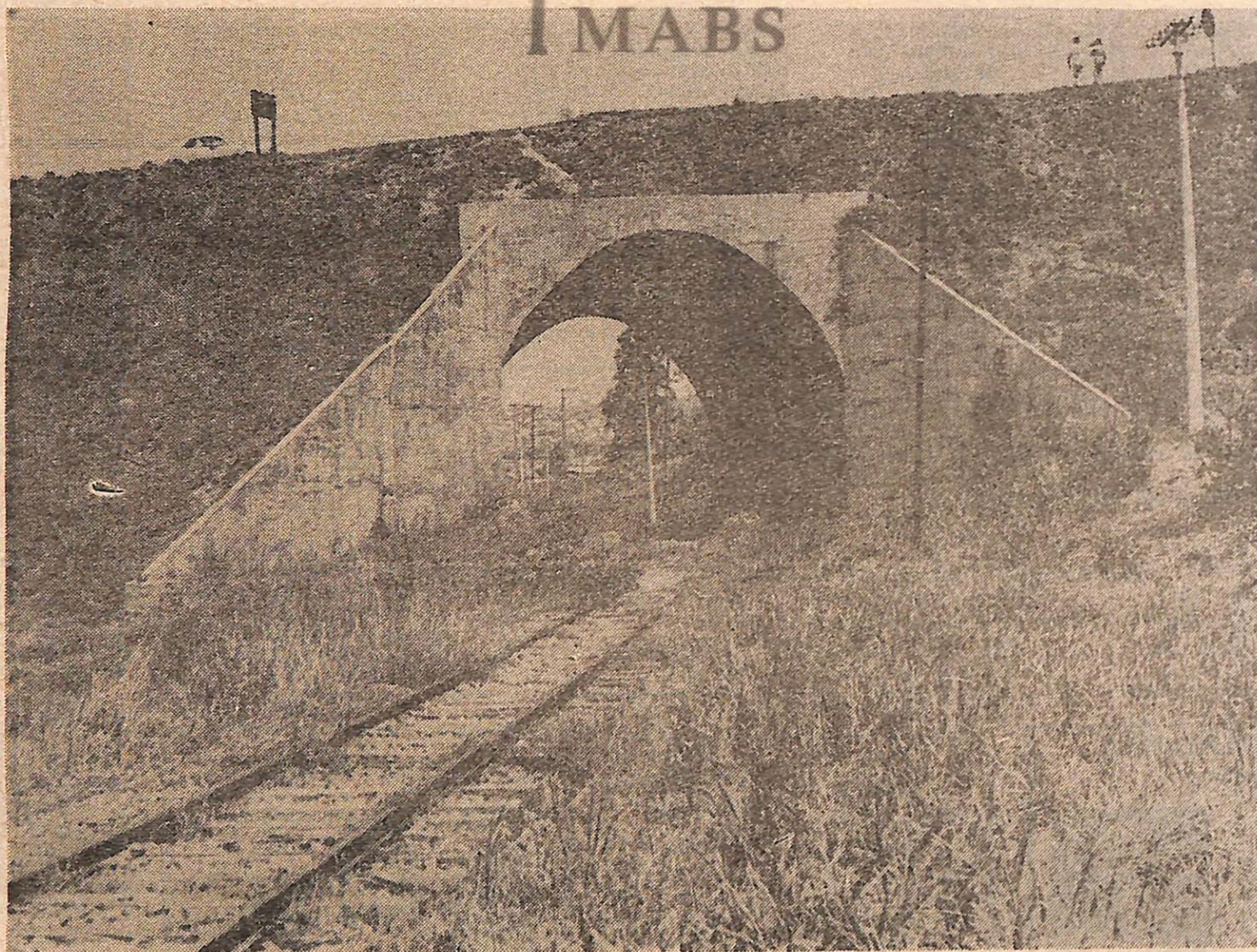
Gostaríamos e tentaremos ouvir o arquiteto Cândido Malta a este respeito, pois consideramos o assunto do mais alto interesse de toda a coletividade jundiense.



Por aqui poderia começar o nosso Metrô. A recuperação da Sorocabana seria a implantação de um sistema de massa apropriado à realidade atual.



O mapa mostra que as ferrovias poderão exercer papel importante no transporte da população implantada e em implantação no vale do rio Jundiaí. Note-se que a antiga Sorocabana, que poderia ser o nosso Metrô, é trajeto muito bem situado nas áreas em expansão. Note-se também a proximidade dessa ferrovia ao rio Jundiaí. Se ao longo deste serão feitas avenidas marginais, nada mais certo que o restabelecimento da ferrovia. Dessa forma poderemos ter um eficiente e econômico sistema de transporte de massa regional.



Sob a rodovia que liga a via Annanguera à estrada de Itatiba há um pequeno túnel, estreito para uma avenida, mas suficiente à estrada de ferro.

# Grupo de Teatro Livre volta com "Godspell, a esperança"



**A** IDÉIA de se montar a peça "Godspell" partiu de Armando Bravi Martinelli Filho, que também é diretor e por muito tempo foi ensaiador do grupo. Pode-se dizer, sem exagero algum, que ele foi a alma do grupo em seu começo e continua ainda a sê-lo.

Os ensaios de "Godspell" começaram com um grupo de amigos interessados apenas em "fazer teatro". Receberam eles, então, um convite da Gincom para se apresentarem no Cine Vila Arens. E, com esse objetivo, ficaram dois meses ensaiando. Nas primeiras semanas se reunindo na varanda da casa de um, no quintal de outro, no quarto de um terceiro. Em princípios de maio, entrando a fase da montagem, deram de costurar suas próprias roupas, ao mesmo tempo que foram comprando a maquiagem de que iriam precisar. A rede utilizada era sempre emprestada de diversos lugares.

Ainda sem técnica de iluminação, no dia 18 de junho deu-se a pré-estréia de "Godspell" no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa para a censura do bispo. Tudo bem. Então, a 25 do mesmo mês, fizeram a estréia no Cine Vila Arens, onde tiveram ocasião de

conhecer a turma do conjunto "Atheia", com quem transaram o empréstimo do jogo de luzes que esse grupo já possuía.

Depois de terminada a Gincom, eles tinham pretensão de se apresentar em colégios, mas não sabiam como chegar até as pessoas que cuidam dessa parte, não tinham base nenhuma do negócio e viram que o jeito era arranjar alguém que manjasse desse assunto, ou seja, de como conseguir uma apresentação para os estudantes. Armando, coordenador do grupo, explica esse drama: "Me senti um pou-

co sem preparação para dar andamento às apresentações; antes tinha a Gincom; agora ia ser só nós, sem o público".

Antes da estréia no Vila Arens Armando já tinha tido alguns contatos com João Carlos Martinelli, que escreve sobre rádio, tevê, música, cinema e artes plásticas no Jornal da Cidade, e, nesses bate-papos, ficou patente a necessidade da criação de um conselho de teatro amador em Jundiá. João Carlos, cada vez se interessando mais pelos problemas do grupo, decidiu também entrar na briga,

tornando-se um de seus membros. E, daí para frente passou a colaborar efetivamente, dando suas sugestões, orientando sobre como alcançar os objetivos desejados.

João Carlos propôs, inicialmente, que GRUTLI tentasse uma apresentação no Grêmio da C.P., o que se tornou possível após um contato com a direção dessa entidade. A apresentação foi no dia 1.º de agosto. Com "Godspell, a esperança", o Grêmio se abria também para o teatro. Foram cerca de 1500 pessoas para assistir a peça. E todas aplaudiram entusiasmadamente, pedindo aquele "mais um" que deixou Armando bastante sensibilizado. "Foi muito recompensador — lembra ele — saber que estavam reconhecendo, e principalmente aceitando, o nosso trabalho".

Depois disso começou a corrida pelos colégios. No Instituto de Educação o grupo conseguiu fazer três apresentações com a "casa" lotada. Foram nos dias 13, 14 e 23 de agosto.

Do Instituto o grupo partiu para novas apresentações, então já cobrando ingressos para poder melhorar suas roupas, maquiagem, cenários e futuras montagens. No Rosa foram duas apresentações: dias 30 e 31 de agosto. Esse último dia foi considerado o melhor de todos, pois, então, o pessoal já tinha mais informações sobre a qualidade do trabalho do GRUTLI no palco. E no dia 5 de setembro era a Faculdade de Medicina que recebia o grupo para uma apresentação especial aos alunos do Colégio de Enfermagem.

O elenco de todas essas apresentações esteve formado por Armando, Rogério, Nice, Carminho, Gerson, Célia, Rodrigo e Zezé; na técnica, Gentil; som e iluminação de Paulinho (do conjunto "Atheia"); roupa com Maria Luíza. Houve, recentemente, uma reestruturação na parte técnica, roupa e cenário, como também no elenco, saindo Carminho e Rodrigo, substituídos, respectivamente, por Raquel (Rock) e Adilson. Os dois que deixaram de atuar no palco continuam ajudando e apoiando o GRUTLI, como elementos de retaguarda. Na parte técnica entraram Arnaldo, Mocha, Cláudio, Claudinho, Edson, Lico, Liquinho, João, Luiz, Léo, Eliana e Maria.

Mais confiante agora, Armando anuncia de peito cheio: "Nossa rede é completamente nova e — o que é mais importante — é nossa; o jogo de luzes também é próprio do grupo".

Segundo Armando, João Carlos, cuidando do agenciamento do grupo já está com dez novos pedidos de apresentação a serem confirmados, sem contar mais oito em cidades de fora.

Depois de algum tempo fora de cartaz, "Godspell, a esperança" deverá retornar ao Instituto de Educação nos próximos dias, levando aos estudantes muita esperança, uma mensagem muito grande para todos que forem assisti-la e tiverem raciocínio para entendê-la.

Um último recado (do Armando): "Para assistir "Godspell" ou fazer parte do GRUTLI não é preciso ter diploma, registro em carteira profissional, nada; só é preciso ser muito gente".

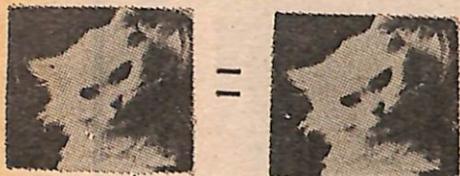
DEBORAH DOBRECHT

EXISTEM 14 CORES DE TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR E ARMÁRIOS DE EMBUTIR ASTRA. O QUE TORNA QUASE INCRÍVEL QUE AINDA EXISTAM BANHEIROS MAL DECORADOS.

## ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 — Tels.: 6-4650 e 4-1489  
S.A. Indústria e Comércio

FOTOCOPIADORA  
MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - fone: 6-8460



COZINHA  
JUNDIAIENSE  
LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408

FONES: 6 6392 & 6 2461

COMPRE A PRAZO

E SEM JUROS NO

**REI DAS  
ROUPAS  
FEITAS**

barão  
782-788



"Em busca do tempo perdido" a memória é falha, o amor é fantasia, o sonho é realidade. Num canto qualquer aparece uma foto, uma carta, um beijo. Tudo permanece o mesmo, como não fosse ontem. Relâmpagos de lucidez cortam a vida ao meio. Esquece, rapaz, esquece; a vida é hoje, o futuro é o objetivo, é chegado o tempo das avenidas, a droga não é mais uma farra.

O saber viver está massificado. Não importa a que preço.

Não cabe mais individualismos (vedetismo?). Troque de carro, veja tevê, compre todas essas maravilhas da técnica moderna. Compre. Lave sua alma: dois copos de leite por dia. Compre. Leve o verde para sua casa, prefira o de Hong Kong, em 100%. Compre.

Ouçã música de boa qualidade, melhor que samba mal feito. A aldéia é global. Ainda que apenas para 30% de nossa população.

Imprensa nanica? Haja saco para ler um bando de frustrados em concepções herméticas.

Cala a boca! Cala a boca! Não ponha a mãe no meio. Você não tem nada a perder e por isso fica falando essas coisas.

Um minuto de silêncio. A reação gagueja. Não estou bêbado. O mundo é seu. Desculpe, não falo mais.

Não falamos mais e vou procurar minha turma. A violência é uma opção dos que têm a perder — tudo ou nada, pouco ou muito. Para muitos, o pouco é muito. Tudo? Um privilégio de poucos. Liberdade, só entre quatro paredes. Intimidades têm hora. Apague a luz, apague.

Não é pouco. "Liberdade é escravidão". "Amor é ódio". Desculpe, não falamos mais e vou procurar minha turma.

Uma voz pouco amiga chama meu nome. Respondo no viva qualquer; não me ofendo. Não me permito rancores. Nem tudo são flores. Quantas vezes pouco amigas estão caladas em mim? Haja saco prá responder perguntas íntimas! Ainda mais quando de si para si mesmo.

A crônica social está presente na presença da Chãns e do Nalini. A Chãns é amiga da família desde que a quis para professora, mais precisamente desde os tempos da caixa escolar do "Pedro de Oliveira", quando ela e o professor Natanael requisitaram meus pais para uma campanha. O Nalini, desde que o tenho como colega de bancos escolares; mais precisamente, desde quando tia Jandira foi madrinha de casamento dos pais dele. Sou, portanto, habituê das colunas sociais, e sabe Deus quanto dizem termos pago para tanto.

Percorro o salão com eles, mãos dadas para o mundo. Todo o universo em Jundiá. O interesse é retratar vaidade humana, mas o que ela tenha de positivo. Se caridade é alienante, o leitor é quem deve decidir. Se elegância não é de interesse público, ninguém se propôs a tanto. A vida era uma festa, a coluna social uma novela familiar. Cumprimentos e abraços, almoços marcados, interesses menores. Uma boa e sólida amizade é o suficiente. Infantil eu ou infantil os tempos?

Minha saudade é chamada de mórbida. Mas mesmo assim quero falar, brincar, instigar. O progresso abafa a fala, a brincadeira, a provocação. A Córrego do Mato corta a cidade não levando a nada. O futuro é o objetivo. As luzes feéricas são argumentos mais fortes que as prioridades? O falar de gente que não conheço soa falso para quem não pensa em gente num sentido coletivo, social. O sucesso de poucos se projeta no fracasso de tantos. E são tantos sem culpa das limitações impostas. O caráter meramente pessoal destes rabiscos lança-me dúvidas quanto à validade deles.

O poeta reflete o mundo numa visão íntima. Peço licença para retratar meus sentimentos, usando de suas prerrogativas, sem pretender sê-lo no propósito que sirva ainda que apenas como amenidades, pois que estas também fazem parte da vida.

PICOCO

## Uma foto, uma carta, um beijo

A mesa está concorrida. Já falam que é pelo Jornal de 2a., ou, então, pela indicação do Sérgio Bocchino.

Os tempos são outros. A mesa é de meus pais. Uisques, sorrisos e abraços. Nas outras mesas, a recíproca é verdadeira. No Clube Jundiáense é Carnaval, baile do Lions, da Raquete, de Aniversário, das Debutantes... Talvez seja uma boate de tantos sábados concorridos. Intrigas menores, fiquem de lado nesta busca de tempos passados. Mesmo porque, diante de hoje, elas ficam menores ainda.

## Interlagos, 1960

O Autódromo de Interlagos no final do ano de 1960 apresentava um quadro desolador. Abandono quase que total. Os "boxes" em pequeno número e acanhados, tinham um pequeno pátio posterior. Ficavam em outro local. Esse local ainda pode ser divisado hoje, logo no começo do que se chama "reta dos boxes". Um pequeno "chapadão" marca o local.

Uma torneira sempre sibilante e sedenta era o único melhoramento. Um tambor de 200 litros a seu pé fazia às vezes de estômago de camelo. Era o que salvava as

"fervidas" algumas vezes. Com o tempo, num rasgo de generosidade e investimento em obras, construíram uma casinhola com madeira aproveitada, para as necessidades inadiáveis.

"Unisex". Outro grande melhoramento da época foi um portão de tela de arame colocado na entrada da área dos "boxes". Logo depois meu grande amigo "Dinho" Bonotti, ao sair com um monoposto da "curva da chegada", "entrou em pêndulo", voou por cima desse portão, avariou-se na parte superior, bateu no alambrado atrás dos

"boxes", machucou algumas pessoas e despediu-se da vida. Camaradão.

Na frente dos "boxes", do outro lado da pista, umas dez pequenas barraquinhas de madeira, sujas e maltrapilhas, para as "autoridades".

Logo após, a famosa "Ponte Pirelli". Uma treliça metálica que permitia a passagem de uma fileira de pessoas. Quantas brigas durante as corridas com o pessoal que insistia em ficar sobre ela para ver os carros passarem. O traçado da pista era o mesmo de agora. Mas só o

traçado. A pista era bem mais estreita, piso bem usado e quebrado, com buracos famosos e balanços que faziam o piloto sair do lugar dentro do carro, principalmente porque ninguém corria com cinto de segurança.

Quem desgarrasse nas curvas 1 e 2 não sobrava para contar a história. Uma floresta de eucaliptos onde seria impossível passar. Num "500 Quilômetros" o "Rio Negro", um volante que corria com uma possante Ferrari "Testa Rossa", 12 cilindros em V, desgarrou na curva e bateu com o lado direito

em um eucalipto. Depois da corrida fui dar uma olhada. A Ferrari tem a direção do lado direito e carroçaria de alumínio, um hiposto aberto. O piloto havia batido a mais de 150 km com o rosto no tronco, que passou por dentro do carro dividindo-o em duas partes, sem quebrar nada mais que o local por onde passou. Quatro peças da tragédia: o tronco descascado, a parte dianteira completinha jogada a 30 metros, o corpo do "Rio Negro" coberto e a traseira também intacta, logo após.

ANTONJO CARLOS  
AVALLONE

# Paulista F.C.

## 50 anos de glórias

### (6.a parte)



**Que proposta!** — Na reunião da Diretoria, realizada em 2 de outubro de 1916, foi lido um ofício digno de ser registrado nestas linhas, pois não sabemos de qualquer outro semelhante: "O Sr. V. C. fazia uma proposta para ser sócio do Paulista sob a condição de lhe ser arranjado um emprego. É claro que a Diretoria não tomou a sério tal proposta e respondeu ao interessado que ele poderia perfeitamente se tornar sócio do clube, porém sem o compromisso de lhe ser arranjado um emprego.

**Melhoramentos para o campo** — Em comentários anteriores, narramos como o clube conseguiu levar água ao seu campo e como transcorreram os entendimentos com o Instituto Agrônomo para o fornecimento de mudas de bambu para cercar a praça esportiva.

Já em 1916 a Diretoria tomava novas medidas de grande alcance. Pensava fechar o campo com tábuas (posteriormente fornecidas pela Companhia Paulista) em três lados, sendo que a parte que fazia frente para a avenida Luiz Rosa seria fechada com muros de tijolos.

Falava-se seriamente na construção de arquibancadas e em gramar o campo. Em 22 de agosto, então reunida, a Diretoria tomou a deliberação de abrir uma lista para angariar os donativos necessários para se fechar o campo e construir as arquibancadas, bem como abrir-se uma concorrência para tais obras.

Os dirigentes do clube estavam em grande atividade, procurando uma maneira de conseguir os melhoramentos objetivados. Para todo o Interior do Estado foram expedidas

circulares solicitando auxílio. Uma comissão formada pelos srs. Capitão Manuel Curado Júnior, Paulo Correa da Silva e João Batista Curado, ficou encarregada de angariar os donativos, por meio de listas. Entrou também a Diretoria em combinação com a Empresa Jundiá de Teatro para a realização de um espetáculo cinematográfico em benefício do clube.

As circulares que o clube havia enviado para o Interior deram resultados relativamente satisfatórios, sendo de se destacar a contribuição da firma A. Costa & Eugênio, da cidade de Colina, que forneceu cinco toras de madeira com cerca de 7 metros cúbicos cada uma. Arranjou o sr. Tibúrcio Siqueira, com o Eng. Francisco de Monlevade, a isenção do frete para a chegada dessa madeira aqui e também o desdobramento gratuito das toras nas oficinas da Companhia Paulista.

No ocaso de 1916, as obras da reforma do campo já iam bem adiantadas. As atividades esportivas estavam paralisadas, pois não era possível a realização de jogos com as construções em andamento. Como já tivemos oportunidade de argumentar, quase todos os sócios eram jogadores e se empenhavam no Campeonato Interno. A falta de jogos gerou muitas demissões.

Desta forma é que se encontrava o Paulista F. C. no limiar de 1917. A Diretoria, que deveria entregar o seu mandato nos fins de 1916, assoberbada com os grandes empreendimentos no campo, continuou em atividade. A própria sede do clube foi fechada, pois não havia mais fre-

quência e somente aquele punhado de homens, tendo à frente Tibúrcio Siqueira, é que representava, de direito e de fato, o clube tricolor.

Assim, 1917 nada trouxe sobre atividades esportivas no clube. A Diretoria continuou trabalhando, conseguindo os meios financeiros para a conclusão das obras que seriam, finalmente, inauguradas em 1918, colocando o Paulista F. C. em um novo período de fama, de glória, de popularidade e de prestígio que o levariam a subir bem alto no conceito esportivo do Brasil, elevando, por conseguinte, o nome de Jundiá.

#### CAPÍTULO V

**A reorganização** — Quatro de março de 1918. Fazia 14 meses que o clube estava completamente paralisado na sua parte esportiva e social. Somente a sua denodada diretoria ultimava as reformas para que o novo campo pudesse ser inaugurado dentro de breves dias. Naquela data reuniu-se a Assembléia Geral, com a presença de 40 pessoas, na presidência o infatigável Tibúrcio Esteves de Siqueira, ao seu lado os batalhadores Cordtz, Augusto Bueno e José Camilo.

Abrindo os trabalhos dessa Assembléia, Tibúrcio explicou aos presentes as razões e objetivos da convocação: seria reorganizado o time do Paulista, uma vez que sua praça de esportes estava praticamente concluída. E, assim, aqueles 40 homens, entrando de início com a quantia de 5 cruzeiros cada um, a título de ajuda, formaram a lista dos primeiros sócios naquele momento da reorganização. Um mês de-

pois, em 8 de abril, nova Assembléia se iria realizar, já com a participação de 65 associados. Então, deliberou-se pelo reinício dos treinos no dia 14, formando-se os quadros que deveriam enfrentar os convidados para o dia da inauguração.

**A inauguração do novo campo** — Tibúrcio Siqueira e seus companheiros de Diretoria iriam ter, afinal, a satisfação por tanto tempo esperada: assistir à inauguração do campo com o seu gramado, suas arquibancadas e gerais.

A primeira data marcada para esse ato foi 9 de junho, sendo convidado para a festa o "Palaestra Itália". Este, no entanto, não aceitou o convite para vir exibir-se diante do quadro tricolor. Convidou-se, então, o Clube Atlético Paulistano, que também se recusou a vir jogar aqui.

Em vista da dificuldade em se conseguir um quadro de renome para o jogo que inauguraria o novo campo, a Diretoria resolveu adiar essa festa para o dia 23 do mesmo mês, vindo ela a acontecer com grande sucesso. O Sport Club Corinthians Paulista foi o adversário dos locais, enquanto o segundo quadro tricolor enfrentava o seu correspondente do Corinthians de Jundiá. Os preços cobrados para esse festival foram: arquibancadas — Cr\$ 1,50; gerais — Cr\$ 1,00.

**Filiação à APEA** — Para que o Paulista, a partir de então, já com seu novo campo, considerado na época um dos melhores do interior do Estado, pudesse enfrentar os grandes quadros da Capital, era necessário filiar-se à Associação Paulista de Esportes

Atléticos, da qual, mais tarde, originar-se-ia a Federação Paulista de Futebol. A Diretoria cuidou desse assunto com muito carinho, tanto que já em 7 de junho o clube recebia o ofício daquela entidade máxima do futebol paulista comunicando que sua proposta estava sendo estudada. Finalmente, no dia 21, tornava-se o Paulista um clube filiado à APEA, que, ao fazer sua comunicação sobre o fato, concedeu também licença para o S. C. Corinthians Paulista vir inaugurar a praça de esportes. Antes, porém, aqui esteve uma comissão de diretores da APEA para vistoriar o campo, saindo agradavelmente impressionados.

**Sócios beneméritos** — Muitos foram os que ajudaram denodadamente o Paulista, quando a sua Diretoria empenhou-se a fundo na realização das reformas no campo. Na Assembléia de 8 de abril de 1918 foram considerados sócios beneméritos, por essa contribuição, os srs. dr. Adalberto de Mendonça Moreira, William Knox e Conrado Foelker. Apesar de não serem sócios do clube, ocupando cargos de influência na Companhia Paulista, eles prestaram tantos favores ao tricolor que foram merecer essa justa homenagem homologada unanimemente pela Assembléia do clube.

Outra pessoa que muito trabalhou, naquela ocasião, eis que frequentemente encontramos seu nome nas atas, com relato do seu esforço pela sociedade, foi o sr. Nicomedes Correa, que teve a seu encargo a direção de toda a obra que foi realizada. Seu serviço foi realmente de inestimável valor para o clube.

#### SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775  
ESTACIONAMENTO PROPRIO

#### JORNAL DE 2.a

TODAS AS SEGUNDAS NAS BANCAS

PROJETOS RESIDENCIAIS  
CONSTRUÇÕES-REFORMAS  
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS



HIDROTECNICA  
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303  
(ao lado da Secretaria de Obras)

#### DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICINIOS EM GERAL  
ATACADO E VAREJO

nery aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n.282 fone 6-7521

#### DOCEIRA JUNDIAÍ Ltda

DISTRIBUIDORA DE  
doces

balas

chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO  
DO PANETONE 900  
RUA DR. TORRES NEVES, 292 FONE 6.7400  
O TELEFONE DOCE DA CIDADE



SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM  
TRANSPORTE DE ASFALTO  
REGULARIZAÇÃO DE AREAS  
ESCAVAÇÕES E ATERROS

#### J. MENEZES LTDA

ESCRITORIO:

AV. SÃO PAULO 311 - SALA 3 - FONE 6 5252 - CX POSTAL 1192



No próximo número, o relato de como eram feitos os empréstimos de jogadores, os jogos amistosos que o Paulista realizou em seu novo estádio, a instalação da sede social e outros fatos importantes da história do tricolor, por José Faggiano Jr.



# PUFS!

Edison foi o primeiro homem a dar a luz.

Menopausa é o descanso de meia hora que as mulheres fazem depois das refeições.

Open the door é a marca daquele aparelho de segurar roupa no varal.

Penélope era uma grande desmancha-prazeres.

Tirocinio é o assassinato com arma de fogo.

Auxílio à natalidade tem ajudado muito a manter as tradições de fim de ano.

Hipócrates não passava de um grande cínico.

Pilatos era o nome de um riacho onde todos lavavam as mãos.

Pout-pourri é uma sequência de palavras francesas.

Pick-up, um tipo de veículo que exige freios a disco.

Cícero foi um senador romano que adotou medidas contra os gráficos.

Abundância, excesso na região glútea.

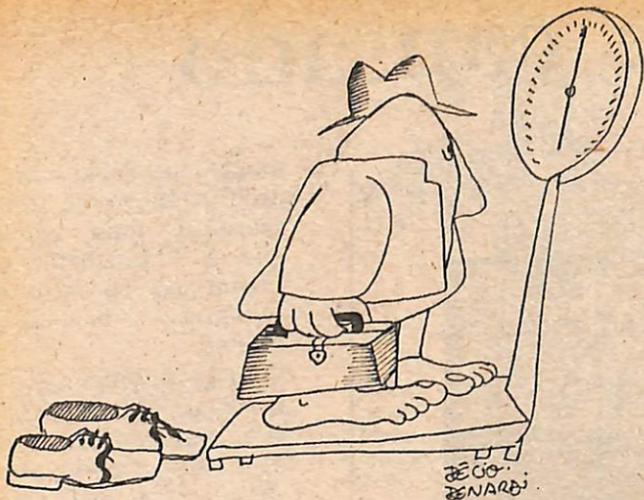
Dito popular, o Benedito, Bastante conhecido da minha vila.

Joana D'Arc tinha costas quentes.

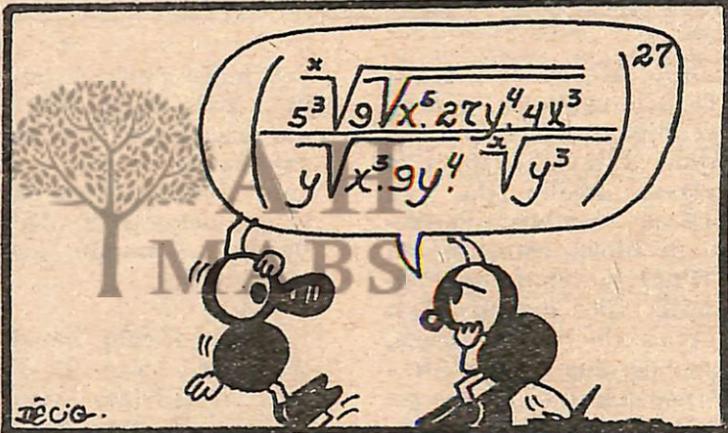
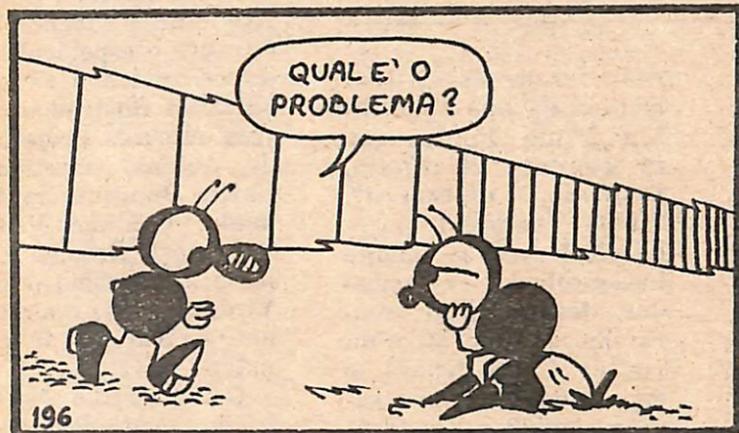
Garrote vil: bezerro espanhol muito manhoso que ninguém quer tourear.

Ex-voto, promessa feita aos eleitores.

Saltimbanco: um ágil ladrão de bancos.

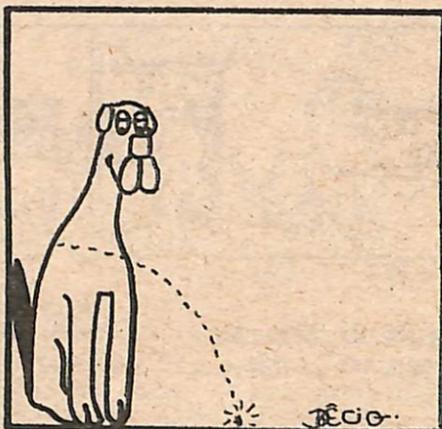
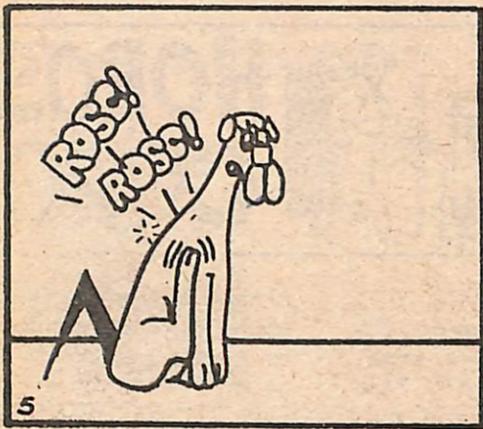


# GIL



# BORIS

© ZÉCO FERNANDES



# Fala, Baltazar!

Dia de Paulista e Corinthians, em Jundiá, Estádio "Jayme Cintra" lotado, é claro, e um locutor corre atrás do técnico visitante:

— Baltazar, Baltazar, vem cá, faz favor...

Baltazar chega e fica esperando o rapaz acabar de falar ao microfone:

— Meus amigos, estamos aqui ao lado de uma das maiores glórias do futebol brasileiro, aquele que deu muitas alegrias ao Corinthians, aquele que ficou conhecido como o "Cabecinha de Ouro". Quem não se lembra daquele gol que ele marcou contra o Palmeiras, em 1953? Quem não se lembra daquele famoso ataque, Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Simão? Quem não se lembra...

O repórter de campo falando, e Baltazar esperando, ora braços cruzados, ora mãos na cintura, ora respondendo com acenos aos que o cumprimentam.

— Baltazar, o seu boa tarde aos ouvintes.

— Aos ouvintes, meu boa tarde...

— O que você tem a dizer aos nossos ouvintes, Baltazar? O microfone é seu.

— Eu? — diz o entrevistado, sorrindo. Na verdade, nada... foi o senhor quem me chamou...

A. FERNANDES



## CONHEÇAM OUTRO DE CASTRO

Alô turma. Este jornal tem seus momentos de fraqueza, lucidez e bobagens. Começa a ser feito, se mal me pergunto, sempre às sextas-feiras, da zero hora em diante. Tem sido prestigiado, achincalhado, compreendido, comprado, viajado e outros ados. Quando menos se espera, chamado de "emprestável", pelos "intelectuais" (saravá E. M.) canhestros ou não. Mas, fundamentalmente, abre alas. Por exemplo, madrugada a

dentro, depois de pintar na última das capas, entrevistado, o homem das talhas, sr. Edson de Castro, resolveu entrar. Ferrenha luta. Capa ou espada? No que Edson respondeu: "Nada não, somos apenas bons amigos". E trouxe sua colaboração: ilustrar o Picoco. Notem o pontilhismo do seu traço. Rico, apesar de desligado. Apareça sempre sempre Edson. E muito grato.

EDUARDO

## COMERCIAL (I)

Outro dia andei falando por aqui de um tal "Viramundo", mas é mentira; o barzinho leva o nome de "Giramundo". As outras informações são corretas, ou sejam: é quase chegando em Itatiba e os jundienses chamam-no "Bataclá"; o samba é da pesada. No fim de semana, só termina com o amanhecer. Vai um monte de gente daqui e os universitários de Itatiba. O negócio é mais na base do bebum mesmo. Os proprietá-

rios Tanino e Neida recebem a gente com uma festa louca. No comando do batucque tem o Alfredo Rêla Neto, acompanhado de Rogério, José, Pêto, Canário, Luiz e Marcão. Não tem pista de dança, mas todo mundo dá um jeitinho e acaba sambando. Ah! O "society" itatibense também frequente. Aquela velha rivalidade Itatiba/Jundiá foi prá cucuias. Pode ir que dá pé.

(Picoco)

## COMERCIAL (II)

O salão de chá da Expo-center Nordval está funcionando até às 22 horas, diariamente. Por sugestão nossa, tem agora alguma coisa salgada prá acompanhar seu uisque ou cerveja. Trata-se de um creme de camarão com gosto lembrado a bobó de camarão, vatapá, por aí. Quem inventou o prato foi a Natália, mulher do Angelo D'Agos-

tini. E' prá ninguém achadefeito. Quando fomos experimentar, o papo atravessou a madrugada, já com portas fechadas e tudo. Foi um tal de creme de camarão com cerveja que não tinha fim. Pode ir que dá pé. (Picoco)

## QUEM GASTA MAIS?

Os gastos do Mobral com publicidade foram da ordem de Cr\$ 870.000,00 e não Cr\$ 830.000,00 como divulguei na semana passada. Assim mesmo continuo achando injustificável o espanto dos ministros do Tribunal de Contas da União. E também acho que o Pasquim da semana passada exagerou na sua crítica a tal desperdício de verbas. TCU e Pasquim: venham ver quanto se está gastando aqui, venham tomar um cafezinho na Prefeitura Municipal ou no DAE, levem uns papeluchos coloridos prá conferir, prá tirar dúvidas, prá concluir quem é que está gastando mais. A mina está aqui mesmo. (C.F.P.)

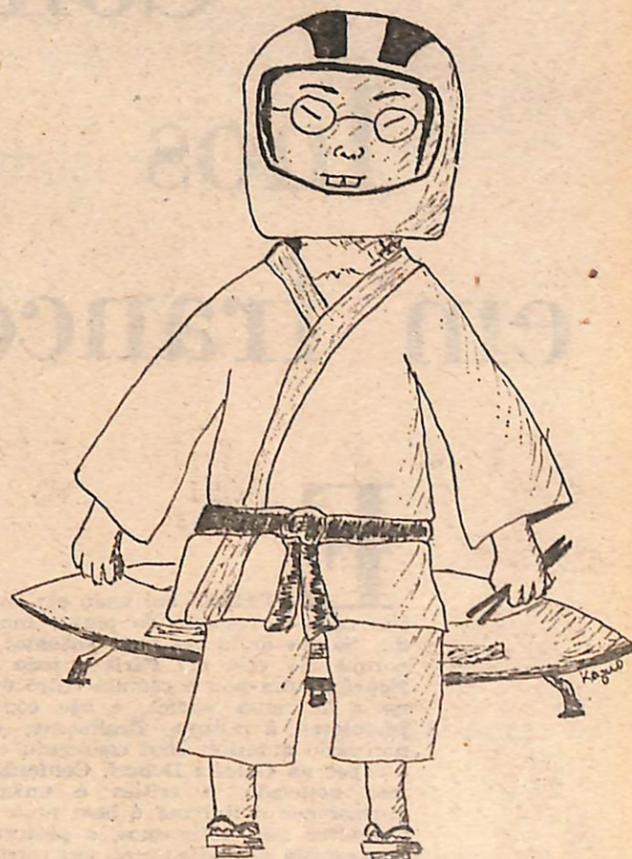
## QUERER E PODER

Os sócios do Hospital Santa Rita de Cássia já ganharam liminar no mandado de segurança impetrado contra a desapropriação de seus títulos. Com a decisão proferida pelo juiz Heliomar Pontes Saraiva, reduziram-se ainda mais as chances do prefeito consumir o ato de expropriação que tanto desgastou (e ao seu secretário da Saúde) perante a opinião pública. Mas, caso queira, poderá apresentar algum outro argumento. (C.F.P.)

## RECADO A PAULO GRACINDO & CLARA NUNES

Agradeço, de público, a oferta da gravação feita ao vivo de show "Brasileiro, profissão esperança", que de maneira tão especial, tão carinhosa, me entregaram com dedicatória, abraços, uisques e muito papo amigo. A turma aqui da redação também vibrou com a gravação do espetáculo e, por isso mesmo, desde já está aguardando a sua visita. Estejam certos de que aqui serão recebidos como artistas, amigos, gente nossa mesmo. Enfim, logo mais, quando vocês estiverem passando por aqui (já sabemos que virão ficar uns dias na casa do amigo comum Marcos Pantoja), iremos, sim, bater aquele papo, acolhendo com muita satisfação o seu amável convite. Cá, o Jornal de 2.a está aberto aos seus talentos. OK? (Cel. I. A.)

## ERAM OS JAPONESES ASTRONAUTAS?



Mas como chegaram os japoneses até aqui? Como se transformaram tanto? Por que mudaram de nome? Quais suas reais intenções? O que conseguirão? Seriam os discos voadores foguetes japoneses? Afinal, os discos são chatos para combinar e podem ser vistos perfeitamente pelos olhos dos japoneses?

O universo é imenso e desconhecido... Quem poderia imaginar que os japoneses viriam para o Ocidente e se adaptariam aos nossos costumes, assimilariam a cultura ocidental e até adotariam es-

tes nomes: Paulo, João, Pedro, José Maria, Joana, Mário...

Para elucidar esse mistério todo já começou a circular entre os alunos do Ginásio Estadual "Prof. Lázaro Miranda Duarte", editado sob a responsabilidade do seu Centro Cívico, "A Folha Estudantil". E' um jornaleco de fazer inveja ao de qualquer outra escola da região. Pra ver que até Gutenberg, Calego e Glécio estão figurando no expediente. Parabéns à sua orientadora, Regia Tega. (C.F.P.)

## EDUCAÇÃO (I)

Não sei bem qual é o nome técnico da operação. Parece ser qualquer coisa como Plano de Distribuição Física. O fato é que a partir do ano que vem todo aluno deverá frequentar a escola de sua região. Jundiá, salvo engano, foi dividida em 20 regiões e a medida visa integrar o estudante em seu meio, preservação do prédio escolar, economia de transporte, etc. Assim, o IEEJ e o GEVA deverão atender à população de suas respectivas regiões; e como são escolas muito procuradas pelos jundienses, deverá haver algum problema, principalmente com os que já estudam nessas escolas e deverão ser transferidos para as de suas regiões. Não vai ser fácil para esse pessoal se conformar com o remanejamento. (Picoco)

## TANGO

Tipo de instrumento musical tocado nas coxas, é o bandoneon

## EDUCAÇÃO (II)

Você sabia que no governo Ibis Cruz, à parte pouquíssimas reformas, não houve desenvolvimento no setor de prédios escolares? São quarenta mil alunos de 1.o grau, mais outro tanto de 2.o, nas mesmas acomodações de três anos atrás, visto que o ex-prefeito Walmor fez alguma coisa nesse sentido. Quer dizer, dinheiro em avenida que só terá uso efetivo daqui a mais de dez anos pode, né? Prédios escolares, que são uma necessidade prioritária, isso não! (Picoco)

## FUMOU, LARGOU

A Souza Cruz soltou manifesto esclarecendo que um decreto do Governo proíbe campanha de maços vazios, fitilhos ou selos de controle do tipo da que se tem falado muito pela troca por cadeiras de rodas. A companhia afirma que ela não pode "de maneira alguma cooperar, seja em que sentido for, com tal iniciativa, e conta com seus amigos para tirar qualquer dúvida da sua suposta participação em campanha de tal espécie". O decreto que proíbe fazer a tal campanha é o de n.º 70.162, de 18 de fevereiro de 1972, artigo 241, já precedido de uma resolução do secretário da Receita Federal, datada de junho de 1969. Portanto, fora com os maços de cigarros vazios. (C.F.P.)

**JUNDI HOBBIES**  
BRINQUEDOS  
PEÇAS / DECORAÇÃO  
TUDO PARA PINTURA  
E DESENHO  
rosário. 650  
fone. 4.3197

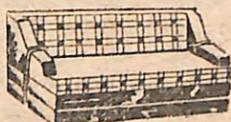


## REI DOS CARTÕES

Cartões de Visita - Convites de Formatura  
Folhinhas - Calendários  
Impressos em Geral  
Serviços rápidos e perfeitos  
RUA DR. TORRES NEVES, 514  
FONE 6-7720

## TAPEÇARIA BRASIL

ESPECIALIDADE EM TAPEÇARIA DE AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224  
FONE: 6-5977

aberto até às 4:00 hs.  
PIZZA  
KIBES  
LANCHES  
DOCES SIRIOS  
Pratos Árabes  
rosário 239 - @ 4-2669

**IBEDI**

# Confirmado:

## Inos em francês

**E**STAMOS entrando em novas condições a respeito do pintor Inos Corradin. Só que desta vez nada podemos adiantar porque ele está em Paris e tudo vem em francês, coisa pouco comum entre nós, nesta nossa imprensa nanica, e não conseguimos tradutores à altura. Realmente, conforme noticiário anterior, Inos conseguiu chegar lá e expor na Galeria Debret. Conforme havíamos noticiado, a crítica é unânime em afirmar que o italiano é bom neste negócio. Conforme não noticiamos, a pintura dele é impregnada de judaísmos, nas cores veladas dos nossos por-de-sóis. Não adianta negar, estamos ululando, honrados e orgulhosos, começando a babar na gravata. A platéia grita, chinga, achincalha. O pessoal das galerias fica sem entender "a coisa como um todo", como sempre. Mas a gente proclama: "Temos um astro jundiense, de brilho internacional". O nosso cartaz desta semana é o pintor Inos Corradin, diretamente do Exterior para o interland paulistano. O sucesso é quase nosso. E estendemos o convite para aqueles que estejam saindo para seu girozinho europeu: chegue até a "28, rue la boétie, Paris 8e". Antigamente, nós tínha-

### INOS CORRADIN

est. né à Piemonte, Italie, en 1930.

#### Participation à des Expositions et Salons :

- 1952 II<sup>e</sup> Salon d'Art Moderne - São Paulo.
- 1953 II<sup>e</sup> Salon National d'Art Moderne - Rio de Janeiro.
- 1954 IV<sup>e</sup> Salon Paulista d'Art Moderne - São Paulo.
- 1955 IV<sup>e</sup> Salon National d'Art Moderne - Rio de Janeiro.
- 1956 V<sup>e</sup> Salon Paulista d'Art Moderne - São Paulo.
- 1960 X<sup>e</sup> Salon Paulista d'Art Moderne - São Paulo.
- 1963 Prix Salon du Travail - São Paulo.
- 1965 XV<sup>e</sup> Salon Paulista d'Art Moderne - São Paulo.
- 1966 XVII<sup>e</sup> Salon Paulista d'Art Moderne - São Paulo.
- 1968 Collective Galeria Astrea - São Paulo.
- 1968 Collective Galeria Atrium - São Paulo.
- 1969 Collective Hommage à Guimarães Rosa - São Paulo.
- 1971 Collective d'Inauguration Galeria Aposite - São Paulo.
- 1972 Collective e Banco Novo Mundo - Jundiá.
- 1972 Salon Gutierrez y Agudá - Córdoba - Argentine.
- 1973 Musée d'Art Moderne - Salon de e Grabados y sus derivados - Buenos Aires - Argentine.
- 1974 Collective Cinq Tendances - Galerie Kompass - São Paulo.
- 1974 Musée Provincial de Beaux-Arts e Ramon Gomez - Corneta - Santiago Del Estero - Argentine.
- 1975 Musée Provincial de Beaux-Arts e Ramon Gomez - Corneta - Santiago Del Estero - Argentine.

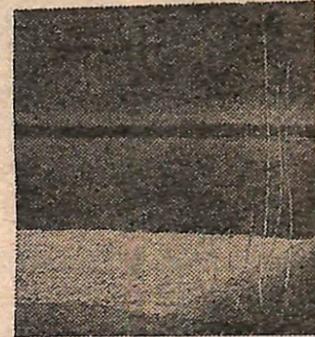
#### Salons spéciaux :

- 1969 I<sup>er</sup> Rencontre Jundiense d'Art - Jundiá.
- 1971 II<sup>e</sup> Rencontre Jundiense d'Art - Jundiá.
- 1972 III<sup>e</sup> Rencontre Jundiense d'Art - Jundiá.
- 1975 IV<sup>e</sup> Rencontre Jundiense d'Art - Jundiá.

#### Expositions individuelles :

- 1953 Galeria Ouzumá - Salvador - Bahia.
- 1957 Montmartre - Rio de Janeiro.
- 1964 Galeria Projet - São Paulo.
- 1965 Galeria Projet - São Paulo.
- 1967 Jundiá - Etat de São Paulo.
- 1968 Cassino Miguez - Punta Del Este - Argentine.
- 1968 Galeria Wildenstein - Buenos Aires - Argentine.
- 1969 Galeria d'Haubarr - New York - U.S.A.
- 1969 Galeria Atrium - São Paulo.
- 1970 Galeria Guignard - Belo Horizonte.
- 1971 Galeria Astrea - São Paulo.
- 1971 Galeria d'Art Moderne Cesara - Israël.
- 1972 Musée d'Art Contemporain da Paraná - Curitiba.
- 1973 Galeria d'Art Moderne Cesara - Israël.
- 1973 Galeria Wildenstein - Buenos Aires - Argentine.
- 1973 Galeria e A Hebraica - São Paulo.

mos contactos mais diretos com a França. Por exemplo, quando acontecia uma coisa dessas, a gente pedia para o Maurício Mojola ir até lá, dar uma olhadinha, saber se estava tudo bem, se ele precisava de alguma coisa, e a pessoa sempre voltava contando casos estranhíssimos da vida da cidade, ficava-se sabendo do quentíssimo "quem é quem" parisiense, tudo pelos avessos das madruga-



galerie debret

vernissage  
le 14 octobre 1975  
à 18 heures

jusqu'au  
31 octobre 1975  
12 à 19 heures

Beaucoup d'artistes brésiliens se tournent vers Paris. L'ond une œuvre e up to date ». D'autres se rendent dans ces- qu'il s'y passe, mûrissent leur technique, mais repartir avaient apportée. C'est le cas, par exemple, de Antonio Maia. Ceux-ci restent fidèles à la tradition de l'huile sur te à racines traditionnelles dans la figuration de bananes ou e e est plus vaste. Possédant une technique excellente, il peut de créations en abondant, avec succès, tant le paysage e humain. Mais c'est toujours lui. La peinture de Inos est confondre avec celle de personne. Elle pose sa e mar dans les couleurs, dans son style.

Dans la tranquille ville de Jundiá, à moins de 60 km de Paulo, Corradin traverse tous les jours sa rue pour rester solitude colorée par des tons clairs, rampes quelquefois la façade vibrante d'une maison. A part ces exceptions, contenu, sérieux, en contraste avec sa façon d'être : manière, elle démont De Chirico, qui, récemment, a allié à notre siècle, e un tableau picturalement bien peint. Inos Corradin est parmi les quelques peintres qui éblouissent Italien, parce qu'il possède e l'intelligence picturale e qui-

Les tableaux sont là, sur les murs de la Galerie Debret. Je i pas mes mots.

SERVICES CULTURELS DE  
L'AMBASSADE DU BRÉSIL  
28, rue la boétie  
Paris 8<sup>e</sup> 359-00-00

das mal dormidas e bem bebidas. Eram relatos meio tontos porque todos no fim concordavam com a tese do Maurício: Jundiá encontra-se sempre que a gente queira, em qualquer botequim. E o Inos não deve estar fugindo à regra, pelo contrário, está instituindo esta verdade: hoje, Jundiá está na Galeria Debret. Podem preparar visto de saída sem susto.

## Bergman por pouco



Ingrid Thulin, uma das estrelas

Desta vez Ingmar Bergman foi mais longe. Conseguiu fazer com que o cinema fosse esquecido como meio, mídia, para que se chegasse à mensagem. Foi confirmando o postulado "o meio é a mensagem". E contou uma das mais maravilhosas histórias já vividas pelo homem: o seu sonho do dia-a-dia. Não disse que tinha divisões, que tinha uma causa, não fez afirmações, não usou artifícios de beleza, (os enfeites eventuais) e conseguiu fazer com que as imagens surgissem naturalmente de sua máquina de fil-

mar. E saiu do seu silêncio. E criou, pela introspecção, esse mundo de "Gritos e Susurros". Dá vontade de fazer inferências nesta obra. Por exemplo, dá vontade de dizer que o mundo é por demais ruidoso para o homem. Dá vontade de anular o conceito de que o homem, diante do fato humano atual, permanece contemplativo. Nada disso. Bergman parece negar a estridência e difere do resto do mundo, quando não grita, não vociferar. O seu filme começa silencioso, pelas paisagens e pela luz que exis-

te sempre. Depois detalha o tempo, faz uma proposta de ornamentos deste tempo, faz em close, detalhes deste ornamento e a imagem é bela e móvel. Depois apresenta um ser humano em repouso. Quando ele se anima e toca os objetos, tudo se harmoniza. Depois vêm os outros e a unidade é uma família, como todas. É um organismo, como todos. A casa é um animal, onde vivem todos. E você se esquece de cinema.

Não tem a estreiteza de um conto, começo, meio e fim, nem se prolonga em dramas. Às vezes apresenta pessoas mas não marca personagens. As cores acontecem, tanto nos escuros quanto nos claros. Às vezes é ontem, cheio de objetos menores, às vezes é hoje, urgente. Quem vive, se diverte. Quem fala, exprime pensamentos. Às vezes sentem, depois esquecem, sofrem, morrem, escrevem, quase que de memória. Quando os problemas surgem às vezes se resolvem. Um corpo, outro corpo, as sensações de frio, de calor, de solidão, de medo, dor, todas acontecem. As grandes projeções podem ser retrovertidas, mas não são ditadas. Os quadros, ali da tela, não têm pressa. Ficam bastante, depois desaparecem. Você se levanta, viu um Bergman.

Já a platéia é ruidosa. É inquieta. Sofre, reclama, assovia, discute. Participa. É glorioso, um dia a sessão custou Cr\$ 4.00.



No canto de um jornal, uma notícia: Beni está morto. Um homem pode ser esquecido no canto de um bar, por quanto tempo queira. Pede uma brama, bebe devagar deveras num copo americano. Pode ter qualquer história, mas não conta. Pode ir embora, quando queira. Pode ter amigos quando se aproxima de uma outra mesa. Ouviu muito barulho, chega. Não senta. É reconhecido.

"Olá, como vai? Eu vou indo e você, tudo bem?" Não tem família, mas pode ter uma descendência. É baixo, quando canta. Muda de ponto. Junta-se a um outro grupo. Vai à calçada. É sereno. Volta e pede uma pinga. Seu nome pode ser Benedito Pinheiro dos Santos. Está ali. Este não pode ser esquecido em qualquer canto.

EDUARDO